

LIVROS CRISTÃOS PARA O MUNDO



JAMES MARTIN

*RESSUSCITOU
MESMO, JESUS?*

RESSUSCITOU MESMO, JESUS?

JAMES MARTIN

Tradução do
Rev. WALDEMAR W. WEY

*

CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL
Av. Erasmo Braga, 277 — 5.º andar
Caixa postal 260 — Rio de Janeiro, Gb
— 1963 —

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I	8
CAPÍTULO II	12
CAPÍTULO III	21
CAPÍTULO IV	26
CAPÍTULO V	35
CAPÍTULO VI	42
CAPÍTULO VII	49
CAPÍTULO VIII	54
CAPÍTULO IX	65
CAPÍTULO X	70

APRESENTAÇÃO

Da autoria de James Martin, aparece mais um exemplar da série *Livros Cristãos para o Mundo*, publicado pelo *Centro Cristão de Literatura*, da Confederação Evangélica do Brasil. Livro, como todos da série, relativamente breve de páginas, mas o suficiente para o objetivo em mira. Trata da ressurreição de Jesus. Tem por título uma pergunta: Ressuscitou mesmo, Jesus? Vê-se que o nome do livro, por esse modo interrogativo, não tem o propósito de insinuar dúvida nenhuma. Pelo contrário: aceita a pergunta, acaso, encontradiça entre cépticos, ou curiosos irreverentes, para lhe dar em cheio a resposta, na mais segura expressão de sua inegável realidade.

São dez capítulos, cada um dos quais versa parte do assunto, de maneira que se entrelaçam para, reunidos, assentar a veracidade do fato, acudindo, de toda sorte, com respostas aos duvidadores incuráveis. Quem se der ao gosto de o ler consideradamente, há de verificar a segurança, clareza e proveito dos seus argumentos em torno da ressurreição do Senhor Jesus.

Centro Cristão de Literatura,
da Confederação Evangélica do Brasil

IN TR OD UÇ ÃO

Este volume é uma tentativa para mostrar que a evidência histórica da Ressurreição de Cristo é excessivamente forte — bem mais forte do que muita gente percebe, quer se trate de crentes quer de incrédulos. O seu argumento baseia-se no fato de que as provas são tais que não deixam nenhuma dúvida de que Jesus de Nazaré, depois de ter sido morto por crucificação, ressurgiu dos mortos e foi visto vivo por Seus discípulos nos quarenta dias seguintes à Sua ressurreição, e de que esse fato significou mais do que a sobrevivência do Seu espírito, uma vez que envolvia a ressurreição do Seu corpo de tal maneira que o Seu túmulo ficou vazio.

Nenhum evento de toda a história se reveste de maior importância do que a ressurreição de Jesus, e não há matéria ou verdade que signifique tanto. Sim, porque, se é verdade que Jesus ressuscitou, o Evangelho de Cristo é Evangelho verdadeiro; se é mentira, o Evangelho todo se esboroa (**reduz a pó, desfaz**). O Apóstolo Paulo, escrevendo ainda na infância da Igreja Cristã, afirmou isto: "Se Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa pregação, e também vã a vossa fé" (I Co 15.14). A Ressurreição é a pedra angular da fé, e ao mesmo tempo a causa, o motivo e a afirmação central da prédica apostólica. Basta ler o livro Atos dos Apóstolos para se verificar isso.

Os críticos às vezes perguntam: "Por que não deixa a Igreja de pregar a Ressurreição de Jesus, que muitos acham ser uma pedra de tropeço? Por que não se contentam em pregar simplesmente o Evangelho?" Responde-se: "Se se deixar de pregar a Ressurreição, o Evangelho cai por terra, desaparece."

Os crentes do Novo Testamento faziam questão especial de pregar a mensagem de que Cristo ressuscitou dentre os mortos. Eram estas as suas Boas Novas. Nunca deixaram de pensar que a Ressurreição não era verdade vital ao Evangelho, nem imaginaram jamais que pudesse haver Evangelho sem o fato da Ressurreição.

Diz A. M. Ramsey que "para eles o Evangelho sem a Ressurreição era Evangelho sem o seu capítulo final, não era totalmente o Evangelho." ¹

Era aquela a mensagem extraordinária que os apóstolos legavam ao mundo. C. E. M. Joad disse certa vez que, se tivesse o ensejo de entrevistar uma pessoa do passado, gostaria de conversar com Jesus de Nazaré e "fazer-lhe a pergunta mais importante deste mundo: "O Senhor ressuscitou ou não ressuscitou?" Falando assim, o Dr. Joad em nada exagerava.

Conceda-se-nos, porém, logo de início afirmar que a aceitação da verdade histórica da Ressurreição não é a mesma coisa que crer na Ressurreição. O indivíduo torna-se cristão não propriamente por aceitar intelectualmente quaisquer proposições, históricas ou doutra natureza, a respeito de Jesus — muito embora essa aceitação seja preliminarmente coisa necessária — e sim por crer no Cristo Ressurreto, coisa que a um só tempo é ato de sua vontade e o dom de Deus.

Conta-se que Blondin, o famoso equilibrista, certa ocasião levou um homem com ele pelo fio de arame, passando perigosamente por cima duma multidão boquiaberta. Bem nas primeiras fileiras da assistência achava-se um menino que acompanhava abismado a execução daquele feito de Blondin. Este notou o grande interesse do rapazinho e lhe perguntou: "Crê você que eu posso levá-lo também comigo pelo fio de arame?" O menino respondeu: "Claro que creio." E Blondin a seguir lhe disse: "Então, pule para cá, que o levarei." Mas isso era já coisa bem diferente, e o menino não aceitou o convite.

Esta história não deixa de ilustrar a diferença que deve ser notada entre a convicção de que a Ressurreição se deu e a fé no Cristo Ressurreto. O menino cria na destreza de Blondin, mas não estava disposto a arriscar a vida com êle. Assim também, não basta crer que Jesus ressuscitou dos mortos e que hoje está vivo.

¹ (1) The Resurrection of Christ, p. 7

A fé abrange um passo mais, que depende dessa crença, mas leva a pessoa bem mais longe e que significa entregar-se inteiramente, sem reservas, ao Cristo Vivo.

Capítulo Primeiro

SEM PRECONCEITOS

Há um século o Dr. Tomás Arnold, de Rugby, ex-professor de História, da Universidade de Oxford, escreveu isto: "Tenho gasto muitos anos estudando a história doutras eras, e examinando e pesando a evidência daqueles que escreveram sobre isso; e não conheço fato nenhum da história da humanidade que ofereça maior e melhor prova, à compreensão dum sincero inquiridor, do que esse grande sinal que Deus nos deu — de que Cristo morreu e ressuscitou dos mortos." ²

A prova da Ressurreição, na verdade, tem força tremenda. Por que, então, encontramos muita gente ainda hoje a duvidar disto e a discutir este assunto? Parte da explicação, pelo menos, está no fato de muitos alimentarem profundo preconceito contra a crença na Ressurreição, e tal preconceito muito lhes dificulta ouvir a verdade e atender às provas. Dominados pela "mentalidade modernista", acham totalmente impossível pensar na Ressurreição como real possibilidade. Estão certos de que milagres não se dão, não podem acontecer, jamais podem existir. Portanto, dizem, a Ressurreição não pode ser verdade.

Não afirmo que todos quantos rejeitam a Ressurreição de Jesus como fato histórico se enquadram nesta descrição. Há aqueles que crêem que Jesus vive ainda hoje — por Sua influência sobre Seus seguidores e sobre o mundo em geral — mas não crêem em Sua Ressurreição. Há os que admitem a Ressurreição espiritual de Jesus, e que sinceramente buscam viver em comunhão com Êle; mas não crêem que Ele ressuscitou dentre os mortos tendo deixado mesmo vazio o túmulo em que jazia. Podemos ver que tal fé é deficiente, ainda que tais pessoas pertençam a uma diferente

² Sermon on the Sign of the Prophet Jonas

da dos cépticos. Há ainda outros muitos que aceitam a Ressurreição, mas, às vezes, têm dúvidas ou perguntas em suas mentes.

Esse tipo de cépticos que sumariamente negam a veracidade da Ressurreição não poucas vezes afirmam que são seus princípios científicos que os levam a essa atitude. Não obstante, a posição deles não é totalmente científica. O método científico exige que o observador trate este ou aquele assunto sem preconceito, com mente aberta e nada prevenida, isso o quanto possível e necessário para considerar a prova relevante, procedendo à luz dessa evidência ou prova para chegar a conclusões. Como em geral acontece, é verdade que muitos não se dão ao trabalho de atender à evidência, uma vez que se inclinam a afirmar que a Ressurreição é coisa em que não se pode crer. É lamentável isso, visto que de início se baseiam na afirmativa de que é impossível o milagre. E tal afirmativa não é justificada cientificamente.

Bom é que neste ponto se indague o que se quer significar com a palavra milagre. Um dicionário assim o define: "acontecimento ou efeito no mundo físico que se desvia das conhecidas leis da natureza, ou que transcende ao conhecimento que temos dessas leis." Para o cristão esta é definição muito lata. Há grande número de tais eventos ou efeitos que ele não pode classificar como milagres, visto que esta palavra, como ele a usa, aplica-se tão-somente a "eventos ou efeitos" causados pela ação di-reta de Deus no mundo por Ele feito, e no qual Êle ainda age com cuidadoso amor por Seus filhos. Milagres representam Deus agindo no atender à necessidade humana, e muitas vezes são a resposta à oração do homem, de resultados que doutro modo não se apresentariam, pelo menos nunca de outra maneira.

É simplesmente arbitrário dizer que milagres não acontecem e não podem acontecer. A mesma ciência não têm autoridade alguma para fazer tal declaração. O mais que a ciência pode fazer, se tal é sua instrução, é afirmar que ainda não encontrou um caso provado de milagre.

Há, todavia, alguns que dizem: "Seja qual fôr a prova da Ressurreição, não creremos nisso, porque sabemos que a Ressurreição é impossível". Isso nos faz recordar a me-ninazinha que aprendia a tabuada com seu avô. Este lhe perguntava: "Seis vezes seis?" e a netinha respondia triunfante: "Trinta e seis." "Nove vezes nove?" Respondia a neta: "Oitenta e um". Daí o avô perguntou: "E treze vezes treze?" A netinha a isso respondeu, quase com sarcasmo: "Isso não existe, vovô". O mero fato de uma coisa nunca ter entrado na esfera de nossa experiência pessoal não é base para se dizer que ela não existe.

Faz mais de quarenta anos que James- Orr escreveu isto: "Os professores Huxley e J. S. Mill provavelmente são tão boas autoridades em assuntos científicos como outros muitos, e ambos nos dizem que não há impossibilidade científica nenhuma no milagre — é pura e simplesmente questão de evidência." ³ Eis quando a ciência confia mais em si mesma de que os melhores cientistas de nossos dias. Grande parte dos cientistas de hoje prontamente admitirão que o milagre não é impossibilidade científica.

Só se poderá justamente afirmar que é impossível haver milagre caso se prove que Deus não existe. Se a pessoa crê que Deus existe não há para ela razoável dificuldade em crer que os milagres acontecem. E, ainda eme o homem não creia na existência de Deus, mas admita a possibilidade de Ele existir — isto é, não podendo o homem provar que Deus não existe — deve também admitir a possibilidade do milagre. Portanto, visto que não se pode provar que Deus não existe (ainda que disso se possa duvidar), não se pode também negar totalmente a possibilidade do milagre. Vemos, pois, que, não só para o teísta, mas também para o ateuista, a única questão legítima a respeito da verdade histórica de qualquer milagre alegado (e a respeito da Ressurreição em particular) redundando nesta pergunta: "A prova é suficientemente forte para justificar o crer nele?"

³ The Resurrection of Jesus, p. 50

Muitos dos que rejeitam a Ressurreição fecham conscientemente suas mentes à possibilidade dessa verdade. Muitos que gostariam de crer não são capazes de expulsar de si a convicção de que tal coisa não pode existir.

É este o fato: para muitos o principal obstáculo em crer na Ressurreição é a presença em suas mentes de arraigado preconceito contra o seu caráter sobrenatural. Não obstante, a evidência, se se lhe conceder oportunidade, pode vencer muito bem esse preconceito. A experiência de Frank Morison, o autor da obra *Who Moved the Stojief*, convém ser lembrada aqui. Conta-nos ele que, quando a princípio se propôs escrever um livro sobre a Ressurreição, tinha em mente tratar do assunto como um céptico, pois que era daqueles que acham que o milagre não se dá. Mas, investigando a evidência, achou-a tão persuasiva, a despeito do seu tratamento céptico, que, em vez de escrever um livro para negar a Ressurreição, escreveu uma obra em defesa da verdade da Ressurreição.

É fato que não se pode provar a Ressurreição à maneira duma demonstração matemática ou duma experiência de laboratório. Tudo quanto podemos fazer — que na verdade é tudo quanto se pode fazer com relação a qualquer fato da história — é anotar que existe uma convergência de probabilidades históricas que colocam a historicidade da Ressurreição acima de todas as dúvidas razoáveis. A. M. Ramsey afirma que o que se pode mostrar é que "certos fatos históricos não se explicam sem a Ressurreição, e que diferentes linhas de testemunho histórico convergem de tal modo que apontam a Ressurreição como probabilidade esmagadora" ⁴ — à semelhança "de meia dúzia de placas indicadoras, com o nome duma cidade nelas pintado, indicando todas um único caminho e nos levando sinceramente a crer que tal cidade existe, ainda que nunca tivéssemos estado nessa cidade." ⁵ Reconhecendo isso, verdadeiramente se deve dizer que a evidência histórica da

⁴ The Resurrection of Christ, p. 36

⁵ L. Weatherhead, em *The Resurrection and the Life*, p. 18

Ressurreição, constituída por essa convergência de probabilidades, é esmagadora, e na verdade é bem mais forte do que a evidência de muitos outros eventos históricos que em geral muitos sem hesitar aceitam como verdadeiros. Persiste esse cepticismo em sua maior parte não por qualquer deficiência das provas, mas por causa do caráter extraordinário do acontecimento em si.

Capítulo Segundo

OS DOCUMENTOS

Toda a evidência relevante em documentos a respeito da Ressurreição está contida em o Novo Testamento. E a mensagem da ressurreição do Senhor Jesus se encontra em cada uma de suas páginas. "Toda a literatura no Novo Testamento se mostra radiante à luz da Ressurreição."⁶

De modo especial levaremos em conta as Cartas do Apóstolo Paulo, os discursos do Apóstolo Pedro registrados no livro Atos dos Apóstolos e os quatro Evangelhos, uma vez que o testemunho deles é o mais claro e o mais importante para o nosso objetivo.

As Cartas do Apóstolo Paulo. Em suas viagens missionárias, e como resultado de sua íntima relação com muitas igrejas, o Apóstolo Paulo teria escrito bom número de Cartas, tratando não apenas questões de fé, mas também da ordem eclesiástica, e da Doutrina Cristã. Algumas dessas Cartas não se perderam e fazem parte do cânon do Novo Testamento. Escritas dentro das quatro décadas que se seguiram à Morte e Ressurreição de Jesus, e debatendo às vezes material cuja origem data de tempo bem anterior àquele em que foram escritas, oferecem tais cartas precioso testemunho sobre o que a Igreja Primitiva cria acerca da Ressurreição.

A passagem mais importante é a da Primeira Carta aos coríntios, capítulo 15, versículos de 3 a 8. Aí lemos: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas, e, depois, aos doze.

⁶ A. M. Hunter, em *Life and Words of Jesus*, p. 123

Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora, porém alguns já dormem. Depois foi visto por Tiago, mais tarde por todos os apóstolos, e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo."

Paulo escreveu esta Carta mais ou menos no ano 55 de nossa era, e aí está ele lembrando aos irmãos leitores dessa missiva como pregara a eles o Evangelho, isso em pessoa (15.1). Então lhes diz: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi." A pregação de Paulo aos coríntios fora, em primeira instância, o passar-lhes certa mensagem, o levar-lhes uma nova que não era invenção dele, nem teoria dele mas que lhe fora entregue — entregue pela Igreja através de um ou mais dos seus representantes — e entregue presumivelmente ao tempo de sua conversão. A conversão de Paulo não ocorrera muito tempo depois do ano 35 de nossa era. Quer isto dizer que a mensagem da Ressurreição do Senhor, que lhe fora entregue com a autoridade da Igreja por ocasião de sua conversão e que ele mais tarde passou aos coríntios, fato que ele agora rememora, não ia além de mais de seis anos após a primeira Páscoa.

Acresce ainda que a passagem que então se segue (15.3-7) nos dá a impressão de que Paulo está citando uma fórmula familiar, possivelmente uma que estivesse em voga geral naquela primeira década para a instrução de conversos ou como uma espécie de credo. Paulo junta à fórmula uma referência à sua visão pessoal do Senhor ressurreto (15.8); mas o que ele aqui está fazendo não é propriamente lembrar que, no tempo de sua conversão, já tinha uma tradição fixa a respeito da Ressurreição, e sim uma fórmula exata que corporificava a crença da Igreja Cristã a respeito da Ressurreição, fórmula essa que poderia muito bem ter surgido em período primitivo, ou, pelo menos, antes da primeira visita de Paulo a Corinto.

Os Discursos do Apóstolo Pedro no Livro de Atos

É quase certo que Lucas foi quem escreveu o Livro de Atos, tendo êle escrito também o Evangelho que traz o seu nome. Visto à luz dos padrões do seu tempo, Lucas foi historiador cuidadoso e muitíssimo exato. Mesmo à luz dos padrões modernos, o caráter fidedigno de suas narrativas foi confirmado por pesquisas e investigações hodiernas. Parece que êle não ouviu os sermões dos primeiros cristãos, mas se valeu de várias fontes de informação que êle joeirou e contrastou com sua notável capacidade (como se pode ver ao escrever' o Evangelho, Lucas 1.1-4). Não podemos tomar os registros dos discursos de Pedro em Atos dos Apóstolos como reportagens ípsissima verba, isto é, como sendo exatamente o que Pedro disse em dadas ocasiões, mas podemos perceber que são apanhados ou resumos acurados dos pontos principais daquilo que êle disse.

As passagens que nos apresentam sumários de algumas das primeiras declarações ou discursos públicos do Apóstolo Pedro estão em Atos 1.16-22; 2.14-40; 3.12-26; 4.9-12 e 10.34-43. Em cada uma dessas passagens vemos que o Apóstolo Pedro dá testemunho da Ressurreição de Jesus, sendo essa a nota capital e dominante.

Os Evangelhos.

Os quatro Evangelhos não são biografias de Jesus no sentido que hoje damos ao vocábulo biografia. Não buscam oferecer-nos exaustiva narração da vida de Jesus, sendo apenas e simplesmente algumas reminiscências cuidadosamente selecionadas da vida d'Ele, escolhidas de vasta reserva de material. Conquanto os Evangelhos sejam livros curtos ou pequenos, e ainda que as limitações de espaço signifiquem que os escritores deixaram fora muito mais do que poderiam ter incluído, cada um consagra vasta porção de seu espaço à história da Morte e Ressurreição de Jesus. Os escritores dos Evangelhos eram pessoas de qualidades diferentes, e também de vários temperamentos, e escreveram em diferentes lugares e de

diferentes pontos de vista. Sendo assim, o testemunho coerente deles acerca da Ressurreição, e o fato de dedicarem a maior parte do seu limitado espaço a esse acontecimento, são seguramente coisa assaz significativa. Revelam que a Ressurreição de Jesus é fato central para o Credo Cristão, e isso desde o seu início.

Mas, para assentarmos de modo exato o valor da evidência documentária, será bom considerar primeiro em como os Evangelhos foram escritos.

Houve três estágios no processo pelo qual os Evangelhos vieram a público: o estágio dos acontecimentos, o da fala disseminadora, e o da escrita desses eventos. Tais estágios não são essencial ou rigidamente exclusivos, e nem também muito distintos.

1 - O Estágio dos Acontecimentos. Por cerca de três anos Jesus andou pela Palestina, pregando o caminho de Deus e realizando muitas obras de amor e misericórdia. Por fim, foi a Jerusalém, dizendo ser a sua derradeira visita àquela cidade. Então lá foi preso, condenado e crucificado. A seguir, como afirmam os seguidores d'Ele, Jesus ressuscitou e lhes apareceu muitas vezes, antes de Sua presença visível ausentar-se definitivamente deles.

2 - O Estágio da Fala. Então, seguiu-se o período comumente conhecido como o da tradição oral, durante o qual se preservou a história de Jesus, passando-a de boca em boca.

O curso dessa reminiscência oral fluiu por dois canais principais — a prédica missionária e o culto nas reuniões cristãs. Os sermões missionários começaram logo após a Ressurreição. Transformados e exultantes, os cristãos começaram a contar, a todos quantos pudessem ouvir, as boas-novas d'Aquele em quem criam como o seu Salvador e Senhor. Desde o início, lado a lado com a prédica cristã e missionária, se realizavam reuniões ou assembleias deles para adorar a Cristo. Nessas reuniões semanais, parte do culto era dedicada a ouvir alguém de autoridade falar a respeito do Senhor.

Assim, as histórias e feitos de Jesus eram contados e recontados.

E, dos fatos lembrados e narrados, os mais frequentes diziam respeito à Morte e Ressurreição de Jesus. Isso era o Evangelho, as Boas-Novas, de Jesus de Nazaré, o Qual foi crucificado, mas venceu a morte.

A história da Morte e Ressurreição do Senhor constituía, assim, o volume principal do curso da tradição oral. Mas isso não era a única fonte. Também se contava muito que Cristo dissera e fizera. Importava lembrar igualmente essas coisas, pois o corolário da fé em Cristo, o Salvador, era o viver de acordo com o exemplo e os mandamentos do Rei Jesus.

Algumas histórias apelavam mais do que outras para certas comunidades. Algumas delas tornavam-se favoritas e eram recontadas, enquanto que outras iam aos poucos saindo do cenário, e assim se ia formando a tradição. O resultado foi este: ao passo que o corpo principal da tradição oral fosse o mesmo em toda parte em duas ou mais comunidades nem sempre prevalecia o mesmo apanhado ou conjunto de reminiscências. Por exemplo, a igreja de Jerusalém não conservaria em sua tradição alguns itens que a igreja de Cesaréia conservava, e vice-versa; e umas histórias ou casos comuns a ambas seriam contados de modo diferente em cada uma delas.

Então, essas tradições orais separadas logo começaram a tomar formas imutáveis, à medida que a repetição constante as tornasse mais ou menos fixas em cada igreja e distritos; e, assim, a tradição oral de cada área se ia tornando coisa individual, basicamente a mesma que a das outras áreas mas notadamente distinta das outras áreas.

3 - O Estágio da Escrita. Os versículos iniciais do Evangelho segundo São Lucas (Lucas 1.1-4) deixam claro que antes dos nossos quatro Evangelhos já havia outros escritos, provavelmente de natureza mais fragmentária e menos sistemática, dos quais

nenhum sobreviveu. No todo, porém, durante o primeiro século da Igreja Cristã, houve pouca atividade no que respeita ao reduzir à escrita a tradição do Evangelho. Foi somente quando a primeira geração de cristãos começou a reduzir-se, e, uma após outra, foram silenciando as vozes das testemunhas de vista, que se sentiu a necessidade de se preservar a história sagrada em forma definitiva e mais permanente.

Ao chegar o Período da Escrita, aqueles que tomaram a si a tarefa de compilar os registros escritos encontraram boa massa de material pronto a ser usado. Os evangelistas apanharam esse material, tanto o oral como o já escrito, examinaram-no, joeiraram-no, selecionaram-no, e daí escreveram os pequenos volumes que a Igreja conservou até nossos dias em seu cânon das Sagradas Escrituras.

Marcos apareceu primeiro, provavelmente entre os anos 60 e 65 de nossa era, ou talvez antes, e se baseia quase que por certo em dados fornecidos pelo Apóstolo Pedro. O evangelho, segundo Mateus, provavelmente apareceu entre os anos 80 e 85; baseou-se o escritor em suas notas diárias, além de outras fontes. O Evangelho segundo Lucas, que foi escrito no mesmo tempo do de Mateus, é obra de notável e cuidadoso historiador, e êle se valeu de muitas fontes, conforme o declaram os seus quatro primeiros versículos. João, escrito talvez dentre os anos 95 e 100, pode não ter sido escrito pelo Apóstolo João pessoalmente, e, se não, será provavelmente obra de um dos seus discípulos.

O leitor que tenha apanhado a maneira pela qual foram conservados através dos anos os originais testemunhos de vista, até se perpetuar nos Evangelhos escritos uma seleção do conteúdo deles, pode sentir muito bem que podemos aceitar esses Evangelhos como transcrições acuradas e substanciais das histórias originais. Mas destacamos essa tese através de duas perguntas:

1. Por que só depois de passar longo tempo é que se

escreveram os Evangelhos? Parece um tanto estranho ue só aparecesse o primeiro Evangelho depois de decorrios 30 ou 35 anos. Mas devemos ter em mente várias coisas:

a) Não podemos admitir que nada se tivesse escrito antes de Marcos escrever e publicar o Seu Evangelho. Com toda probabilidade, vários registros fragmentados dos ensinios e feitos de Jesus deveriam ter sido escritos antes de Marcos, conquanto, infelizmente, nenhum deles haja permanecido. Alguns, certamente, ou provavelmente, foram usados como fontes, e assim parte do conteúdo deles pode ter sido preservada num ou em mais dos quatro Evangelhos.

b) Os cristãos da primeira geração criam que o fim do mundo estava mui próximo; portanto, para eles o escrever livros poderia parecer coisa irrelevante e desnecessária.

c) Aliado a isso estava o intenso zelo missionário e a insone atividade cjue caracterizaram os cristãos do primeiro período do Cristianismo. Dedicavam-se de tal modo à evangelização do mundo que mui pouco tempo lhes sobrava para se assentar e escrever livros.

d) Todavia, a razão principal era esta: os cristãos da primeira geração não sentiam a necessidade e nem tinham o desejo de registros escritos. Os judeus estavam acostumados, desde muitas gerações, a passar adiante verbalmente sua história e seus ensinios religiosos e sociais, e achavam que a tradição oral era superior à palavra escrita. Os primeiros cristãos, judeus de origem e criação, conservavam esse ponto de vista. Assim, enquanto viviam testemunhas oculares, quase não havia lugar para registros escritos e impessoais.

2. Poderíamos esperar que a tradição se perpetuasse acurada e exatamente através do Estágio da Fala para o Estágio da Escrita? Aqueles que estão acostumados a tudo tirar dos livros podem ver a probabilidade de a última forma escrita desviar-se

consideravelmente daquilo que a princípio foi dito, mormente quando o período de transmissão oral é longo. Várias coisas devem então ser lembradas:

a) A exatidão da transmissão oral da parte dos judeus era coisa notável. Os judeus costumavam mais aprender e ensinar por palavras faladas, isto é, pela boca. O vocábulo que usam para instrução é *rnishná* que literalmente quer dizer repetição, e significa que o aprendizado por meio de decoração era o costume geral entre eles. Desde o início os judeus revelaram grande capacidade natural para a memorização, e isso, aliado à longa prática, produziu reminiscências de notável exatidão. O mesmo é provada verdade entre os povos da Índia e outras nações, pois que tomam como de alta importância o preparo da memória verbal.

b) A preservação da tradição oral nunca foi tarefa de pequena minoria entre os cristãos. Desde o início essa tradição foi propriedade de toda a Igreja, e toda ela era a sua guardiã. Se ocorresse qualquer desvio importante da forma original, podemos estar certos de que muitas vozes levantariam seu protesto, exigindo e conseguindo a devida reparação.

c) Mas não somente qualquer membro da comunidade cristã tomaria parte na manutenção duma tradição exata e acurada, mas também na comunidade existiam ainda testemunhas oculares, o que era fato de real importância. Alguns imaginam que, depois de contar inicialmente a história, cada testemunha ocular mediatamente e para sempre deixasse de falar, ou saísse do cenário. O fato é que, desde o início do estágio da escrita, e durante êle, viviam na Igreja testemunhas oculares, cuja supervisão da tradição devia ser o suficiente para assegurar substancial exatidão à transmissão dos fatos.

Busquemos ilustrar o caso. Existe uma diversão conhecida de muitos leitores em que se passa um recado verbal da primeira pessoa até a última duma fila de dez ou mais. A primeira pessoa passa a mensagem à segunda, a segunda à terceira, e assim por

diante, segredando-a ao ouvido da seguinte. Segreda-se ao vizinho o recado ou aquilo que se ouviu da mensagem. No final, ao chegar o recado à última pessoa da fila, vê-se que a mensagem chegou muito diferente ou desvirtuada, bem longe de sua forma original.

Mas não se assemelha muito a esse brinquedo a transmissão da tradição evangélica. Imaginemos que a sala onde se faz essa diversão seja um local em que várias pessoas estão continuamente a entrar e sair. No início da diversão, alguém narra aos demais presentes um acontecimento que êle e alguns companheiros, no momento presentes na mesma sala, testemunharam naquela tarde. Daí o acontecimento, ou história ou caso é continuamente contado e recontado pelo primeiro narrador e por outros, e a todo tempo entram uns e saem outros. Isto se assemelha mais às circunstâncias em que a tradição oral se transmitiu. Imaginemos agora que haja várias salas, e não mais uma só, passando-se, livremente duma para outra, e que se conte a mesma história em cada uma das salas, mas contada por diferentes testemunhas oculares; e que, vindo a noite, muitos comecem a escrever partes da história, e que, por fim, uns quatro que não estiveram presentes desde o princípio passem a escrever, tendo outros a assisti-los, escrevendo eles então uma versão sistemática da história. Isto embora mui rudemente, nos dá um quadro do que se deu quando a tradição do Evangelho passou do Estágio da Fala para o Estágio da Escrita.

d) Há ainda outro aspecto das narrativas evangélicas que fortemente indicam que poderia ter havido notavelmente pouca alteração nas histórias originais. É a presença de número considerável de "inadequados" itens, ditos e referências que podem causar dificuldades ou atrair críticas, e que certamente seriam mudados ou eliminados caso trouxesse isso substancial alteração ou melhoria às narrativas.

A presença deles é prova de que a Igreja, a guardiã dos dados fornecidos pelas testemunhas oculares, mostrou respeitar os fatos, mesmo quando destoantes. Por exemplo: praticamente desde o

início os cristãos adoraram a Jesus como Deus; não obstante isso, temos o registro de que Jesus disse na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Marcos 15.34.) E também em não poucas ocasiões encontramos uma ou outra referência pouco lisonjeira a este ou àquele discípulo, forte revelação de insensibilidade, de fraqueza, ou de pecado da parte deles. Não se pode explicar a presença dessas coisas, a menos que as narrativas que as contêm se tenham mantido muito fiéis à verdade. Se tais narrativas sofressem sérias modificações no processo de transmissão, esses itens indesejáveis ou inadequados teriam sido os primeiros a desaparecer.

Capitulo Terceiro

O TESTEMUNHO DOS DOCUMENTOS

Decidimos limitar a nossa consideração da evidência escrita a seis escritores do Novo Testamento — Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo e Pedro. Que faremos do testemunho deles?

É bastante forte o testemunho deles. Temos, então, seis homens, dando cada um o seu testemunho separadamente, e independentemente⁷; todos concordam em afirmar que Jesus ressuscitou dos mortos. Acresce que se trata de pessoas de diferentes temperamentos, que escreveram em épocas e lugares diferentes. Tinham o direito de falar, pois que todos, de vários modos estiveram intimamente associados aos primeiros dias do Cristianismo. Foram testemunhas oculares, ou derivaram seus informes de testemunhas oculares, e, por isso, estavam em posição privilegiada para verificar se suas crônicas eram na verdade acurada reportagem do que acontecera. Nenhum deles, é certo, vira a Ressurreição de Jesus; mas, não é fato constrangedor ver que os seis, cada um a seu modo e com seus diferentes pormenores, à uma, afirmam que Jesus ressuscitou? De forma nenhuma podem os cépticos negar ou deixar de lado o testemunho deles.

Alguns talvez aleguem que não se pode dar crédito a documentos escritos muito tempo depois de verificados os acontecimentos. Tal objeção já foi encarada, e basta dar aqui umas poucas notas suplementares. O primeiro Evangelho não foi escrito

⁷ Alguns podem fazer objeção ao vocábulo "independentemente" que aqui uso, pelo fato de Mateus e Lucas fazerem uso extensivo de Marcos. Poderiam dizer então que o testemunho dos Evangelhos sinóticos não é de três pessoas mas apenas de uma, e que assim, em vez de seis testemunhas, só temos quatro. Não obstante, parece-me correto tomar as nossas testemunhas como seis. Mateus e Lucas são independentes no sentido de cada um dar sua afirmação independente acerca da verdade sobre que estão escrevendo, muito embora cada um tome o livro de Marcos como ponto de referência.

antes do ano 60 (A.D.); e o último ò foi antes de findar o século primeiro. Um dos documentos mais importantes que consideramos — a Primeira Carta do Apóstolo São Paulo aos Coríntios — foi escrito por cerca do ano 55 de nossa era, menos de trinta anos depois da primeira Páscoa, ao passo que outra Carta de Paulo — a Carta aos Gálatas — foi provavelmente escrita bem mais cedo, pelo ano 48. Pessoas que conhecem intimamente importantes acontecimentos, escrevendo sua história vinte, trinta, e mesmo sessenta anos depois, podem mostrar-se algo deficientes em seus pormenores, mas em nada duvidarão quanto aos fatos salientes e empolgantes.⁸ E essas seis testemunhas que escrevem em nada duvidam da ressurreição de Jesus.

Acresce que o que temos diante de nós é muito mais que o testemunho de apenas seis pessoas. Atrás do testemunho delas temos o testemunho de todos os apóstolos e de fato de toda a Igreja Cristã. Essas seis testemunhas não estavam originando, e sim transmitindo; e a crença na Ressurreição, que afirmavam, não era propriamente coisa que só eles criam; era o que a Igreja cria, como crera desde o princípio.

Os cépticos costumam dizer ser circunstância suspeita o fato de toda primitiva evidência escrita a favor da Ressurreição ser apresentada por gente que nela cria. Mas seria de admirar que assim não se desse. É claro que nos primeiros anos somente aqueles que criam na Ressurreição teriam ocasião de escrever sobre ela, e não havia razão alguma para um escritor pagão referir-se à pequena e insignificante seita dos seguidores de Jesus. Coisa paralela a essa pode encontrar-se no fato de no índice dos catorze volumes da obra Cambridge Modern History, haver só uma referência a "missões", as quais, todavia, de maneira alguma constituem fato irrelevante da época moderna.

Os cépticos voltam à carga, dizendo que não se pode dar muito crédito a esses documentos escritos por cristãos porque são o

⁸ Um amigo, que leu este livro ainda datilografado, escreveu isto: "Faz 52 anos que testemunhei de perto o grande incêndio que destruiu todo o centro da cidade de Baltimore, em 1904. Era eu então menino; cada evento, porém, daquele fato e o meu contato com êle estão nitidamente gravados em minha memória."

testemunho de cristãos influenciados ou iludidos. Isso é coisa bastante ingênua. A autoria cristã dos documentos não altera o fato que eles nos apresentam através de seis testemunhas separadas a favor da Ressurreição.

Contudo, a força da prova sente-se ainda melhor ao se considerar quão forte e firme ela permanece, quando reduzida ao seu termo mais fraco. Mesmo quando toda a evidência documentária é recebida com total suspeita, uma coisa permanece absolutamente certa: desde o princípio a Igreja Cristã creu que Jesus ressuscitou dos mortos. Isso de todos os lados é aceito. Segue-se, pois, que, se essa crença não era baseada em fatos, deve haver outra explicação de sua origem.

Existem, porém, apenas três alternativas possíveis. A primeira é a de que os primeiros cristãos tivessem perpetrado gigantesca fraude; a segunda, a de que, embora sinceros, os discípulos fossem enganados; a terceira, a de que as histórias da Ressurreição tomassem corpo pela influência de história de ressurreições similares, correntes no inundo pagão daquele tempo.

Foi Fraude? A ideia de que a crença na Ressurreição foi uma falsidade propagada com êxito pelos primeiros discípulos deve estar preparada para enfrentar bom número de objeções muito sérias.

Em primeiro lugar, o caráter do Mestre que eles seguiam e os princípios morais que Êle ensinara parecem excluir isso. A obediência a Jesus exigia deles a obrigação de serem honestos e verdadeiros em todos os seus feitos e palavras, e não se pode crer que eles fundassem a Igreja Cristã sobre uma mentira por eles fabricada.

Nem se pode admitir que uma deslavada invenção da parte deles viesse a produzir os resultados que produziu. Poderiam eles manifestar-se tão entusiasmados a esse respeito, se a história da Ressurreição fosse algo que eles mesmos houvessem

engendrado? E, acaso, como invenção deles, poderia modificá-los, transformá-los, como na verdade se mostravam transformados, em pessoas de nova estrutura moral?

Também, se fora uma fraude, não é crível que a pudessem levar avante com tamanho êxito. Por exemplo, teria algum deles a capacidade de forjar essa brilhante peça de organização que abrangia tudo aquilo? Pedro seria o candidato mais provável para engendrar tal fraude ou história, mas parece que não tinha as qualificações necessárias. E não só isso. Seria possível que a prédica da Ressurreição ganhasse tantos conversos no início, uma vez baseada em petulante mentira que naqueles primeiros tempos facilmente seria desmascarada? E a tudo isso deve acrescentar-se o notável fato de que, durante aqueles anos e durante as perseguições que os cristãos experimentaram depois, parece que ninguém, "que se saiba", jamais teve a menor dúvida sobre a ressurreição ou suspeita de que a Ressurreição fosse uma invenção ou fraude pia.

Foi Engano? Este ponto será tratado mais pormenorizadamente nos capítulos 5 e 6. Por agora apenas fazemos duas perguntas. Primeira: se a crença na Ressurreição fosse resultante dum engano, será que tantas pessoas tão diferentes, envolvidas desde o início nela, se dariam por convencidas individual e coletivamente? Segunda: mesmo admitindo-se que os seguidores de Jesus fossem casual e facilmente levados a crer na Ressurreição, não é certo que as pessoas hostis a essa crença logo se prontificariam a desmascarar o erro ou engano de que foram vítimas os primeiros cristãos?

Seria Lenda? A terceira ideia afirma que a história da Ressurreição pode ser explicada em termos de mitos ou lendas de deuses que morrem e ressuscitam, histórias correntes no mundo religioso daquela época.

Tal argumento é exposto mais ou menos com estas palavras: Uma vez que prevaleciam no mundo mediterrâneo lendas de deuses que morriam e tornavam a viver, devia haver certa

tendência natural entre os cristãos no sentido de engendrar também lenda similar acerca do Fundador da religião deles. Assim, com o decorrer dos dias, na história de Jesus apareceu a crença de haver Êle ressuscitado dos mortos. O argumento parece um tanto atraente, mas os fatos são contra ele.

Por um fato mui simples: não houve nem tempo nem ocasião para que a crença na Ressurreição tivesse esse desenvolvimento legendário. As lendas exigem tempo bastante para crescer. Não surgem da noite para o dia como cogumelos. Mas a história da Ressurreição apareceu simultaneamente com a Igreja Cristã.

Se os acontecimentos tivessem tido curso diferente, isto é, se Jesus houvesse sido crucificado e nada se dissesse sobre a Ressurreição por um lapso de tempo, e depois começasse a circular que Êle havia ressuscitado, então se poderia suspeitar que tudo fosse influência de lendas. A verdade, porém, é que a crença no fato da Ressurreição nasceu logo após a crucificação, e a mensagem da Ressurreição se publicou e proclamou em menos de cinquenta dias após esse glorioso fato. Não há, portanto, lugar aí para se introduzir a lenda.

Mais ainda: não há evidência alguma de que os primeiros cristãos se movimentassem num ambiente de lendas mediterrâneas e gregas, que fossem deles conhecidas. Sem dúvida, alguns judeus tinham tido contato com a cultura grega; mas o ambiente e a formação deles eram predominantemente, senão exclusivamente, judaicos; e as influências a que o pensamento deles estava exposto eram as do judaísmo ortodoxo e, em particular, as do Antigo Testamento. E tais influências, em vez de incliná-los a favor das lendas da ressurreição, certamente teriam levado os cristãos a se guardarem contra elas.

O argumento mais forte de todos está no fato de não se encontrar um único exemplo ou caso que seja análogo ao da Ressurreição de Jesus. Não se pode negar que existia no mundo helenista numerosas lendas de deuses que morriam e

ressuscitavam. Mas tudo aquilo, sem dúvida, pertencia ao reino da mitologia — lendas que eram conhecidas e aceitas como tais, e nunca admitidas como fato histórico. "Não se pode apresentar um único exemplo ou caso de crença na ressurreição duma personagem histórica como o de Jesus; e pelo menos nenhum caso era que se baseie qualquer verdade... A Ressurreição de Cristo é, portanto, fato sem analogia histórica." ⁹

Podem ainda replicar que, assim sendo, aquelas lendas de deuses que morriam e ressuscitavam teriam concorrido para preparar a mente dos discípulos de Jesus para esperarem ou aguardarem a Ressurreição do seu Senhor dentre os mortos, tornando-lhes fácil o imaginar que O tinham visto. Mas este argumento também cai por terra. Além dos dois pontos apresentados nos dois parágrafos anteriores, finalmente anotaremos o que se diz nos capítulos 5 e 6 acerca do túmulo vazio e da realidade das aparições de Jesus ressurreto.

Concluimos afirmando que, mesmo reduzindo-se o testemunho dos documentos ao mínimo possível, fica mais que claro que a Igreja Cristã desde o seu início creu que Jesus ressuscitou dos mortos, e que essa crença não pode explicar-se de nenhum outro modo a não ser admitindo-se que Ele ressuscitou de fato.

⁹ The Resurrection of Jesus, Orr, p. 224

Capítulo Quarto

DIFICULDADES EM AS NARRATIVAS EVANGÉLICAS

Quando lemos nos quatro Evangelhos os pormenores da Ressurreição, não podemos deixar de ficar impressionados com a massa mui sólida de concordância que apresentam nos pontos principais. Veremos, assim, por exemplo, que os quatro são acordes nestes pontos:

1. Jesus foi crucificado na sexta-feira da semana da Páscoa.
2. José de Arimatéia conseguiu êxito no seu pedido a Pilatos para enterrar o cadáver de Jesus.
3. O cadáver foi envolto em linho, como se costumava fazer antes dos funerais.
4. O sepultamento se deu numa "rocha", ou num túmulo de rocha. Só João na sua narrativa do sepultamento deixa de mencionar explicitamente a natureza do sepulcro, mas a referência que faz à pedra que foi removida implica isso (20.1).
5. Que mulheres seguidoras de Jesus visitaram o túmulo de Jesus logo no domingo de manhã.
6. Acharam removida ou rolada a pedra selada do túmulo, e viram que o corpo de Jesus já lá não se achava.
7. Definida mensagem lhes foi entregue, afirmando que Jesus ressuscitara.
8. Jesus ressurreto apareceu a Seus seguidores (a indivíduos e a

grupos) bom número de vezes, desde aquele dia até o Pentecoste. Há ainda numerosos pontos subsidiários entre os quais não há discordância; pontos que, por exemplo, são mencionados somente por um, ou dois, ou três Evangelhos, e que não discordam em nada do afirmado nos restantes três, ou dois ou um — como, por exemplo, a menção feita por Mateus, Marcos e Lucas de que as mulheres foram espectadoras do enterro de Jesus, ou a referência feita por Mateus, Lucas e João de que o túmulo de Jesus era túmulo novo.

Também devemos aceitar que existem pontos divergentes em as narrativas. Mas, no todo, a presença dessas diferenças mais fortifica do que enfraquece o inconfundível elo de autenticidade das narrativas; sim, porque naturalmente se deve esperar encontrar alguma diferença nos pormenores de registros independentes e fidedignos de qualquer fato, mormente dum acontecimento tão inusitado e perturbador como esse.

As reportagens feitas pelas diversas testemunhas oculares de qualquer evento excitante ou eletrizante — um acidente na rodovia, ou um conflito ou escaramuça — invariavelmente apresentam diferenças. Agora, se as testemunhas são honestas e sinceras, seus registros concordarão nos pontos principais. É justamente o que achamos em as narrativas evangélicas da Ressurreição. Se tais narrativas fossem exatamente iguais em cada ponto, isso seria mais inquietante, pelo fato de levantar suspeita de haver intenção deliberada de se evitar qualquer desencontro, ou divergência ou desigualdade.

Devemos ter em mente, ao fim de tudo, que, se a Ressurreição é verdade, os discípulos no Dia da Páscoa deviam achar-se muitíssimo excitados ou entusiasmados e, por isso, deixariam de tomar nota cuidadosamente de cada pormenor ou deixariam de ter um quadro mental bem claro de todos os acontecimentos relacionados com a Ressurreição. Mesmo que cada um deles escrevesse uma reportagem dos acontecimentos diários, ou de cada vinte e quatro horas, não poderíamos esperar que tais

registros concordassem entre si ou fossem exatamente iguais; se o fossem, precisaríamos ou desejaríamos uma explicação dessa perfeita concordância de minudências, coisa que dificilmente se encontra em registros independentes.

Lembrando estas coisas, e ainda reconhecendo que cada testemunha ocular escreve segundo o seu ponto de vista, em nada buscando apresentar reportagem exaustiva de tudo quanto se deu na primeira Páscoa, podemos facilmente entender a razão dessas diferenças e reconhecer as marcas positivas da fidedignidade.

Duas ilustrações usadas pelo professor James Orr¹⁰ podem muito ajudar-nos a compreender isso.

Uma classe de história pôs-se a estudar a Revolução Francesa, solicitando-se dos alunos que investigassem e reportassem o voto pelo qual se condenou à morte o rei Luís XVI. Quase metade da classe relatou que o voto foi unânime; outros, que a maioria foi de um voto apenas, e poucos que a maioria foi de 145 entre 721 votos. À primeira vista, os testemunhos pareceram muitíssimo contraditórios, muito embora concordassem no ponto capital — que Luís XVI foi condenado. "Não obstante isso, a favor de cada ponto de vista havia notáveis autoridades em história. De fato, todos estavam com a verdade, e toda a verdade era o resultado da combinação dos três pontos de vista." A história completa é esta: foram tomadas três votações; a primeira sobre se o rei era culpado ou não, e essa votação foi unânime. A segunda foi para se decidir sobre a penalidade, e houve maioria de 145 votos a favor da sentença de morte. A votação final, em que se verificou a maioria de apenas um voto, decidiu que a sentença devia ser posta em execução imediatamente.

"Certo amigo estava à morte. Regressando duma viagem, encontrei-me com diversas pessoas, umas após outras, uma das quais me contou qual era a enfermidade que atacara o amigo; duas dessas pessoas contaram-me que já falecera; ao passo que uma

¹⁰ Op. cit., p. 90, e nota ao pé da p. 107

quarta me contou que estava à morte, já moribundo. Escrevendo depois a um conhecido, brevemente disse que, de volta, encontrara eu quatro amigos que me haviam dado notícias da doença e morte do citado amigo e que me contara um deles as últimas palavras do amigo então falecido. Que interesse teria quem recebeu a carta em saber se todos os amigos chegaram juntos ou separadamente,

Tais ilustrações podem ser multiplicadas, não só no terreno da história, mas também no de nossa experiência diária. Se, por exemplo, o meu diário registra em certa data "Estudei o sermão das 9 às 12 h. e 30 m., deixará isso de ser um registro fidedigno pelo fato de não se fazer menção alguma duma xícara de chá às 10.30 m.? Todavia, muitas vezes sobre base bem menor ou insignificante querem muitos pôr em dúvida a fidedignidade das narrativas da Ressurreição.

Encontramos, por exemplo, alguns que fazem pouco das narrativas pelo fato de haver diferença nos nomes e número de mulheres que visitaram o túmulo na manhã da Páscoa. Mateus (28.1) fala de "Maria Madalena e a outra Maria"; Marcos (16.1) de "Maria Madalena, Maria, a mãe de Jesus, e Salomé"; Lucas (24.10) de "Maria Madalena, Joana, Maria, a mãe de Tiago, e outras mulheres"; e João (20.1) só se refere a "Maria Madalena". Admita-se que as narrativas são incompletas, mas não contraditórias e nem destroem sua fidedignidade. Afinal, seria de tão grande importância para os primeiros leitores o saber, por exemplo, se as mulheres foram todas juntas ao túmulo, ou separadamente?

É verdade que se exageram muito as "contradições" das narrativas dos Evangelhos. Mas, nós que cremos que elas são dignas de créditos devemos ser cuidadosos e sinceros nesses pontos. Há, é verdade, alguns pontos que apresentam dificuldades inegáveis; mas tais dificuldades são grandemente elucidadas — senão totalmente removidas — quando se têm em mente os fatores já citados, lembrando-se especialmente o processo pelo qual os Evangelhos vieram à luz, e reconhecendo-se que, em certos pontos, os evangelistas podem ter usado diferentes formas

de tradição, ou interpretado uma parte menos central da mesma tradição de maneiras um tanto diversas. A coisa assaz importante não é o fato de haver diferenças, e sim o de haver, no meio de todas as diferenças em só pormenores, uma notável unanimidade nos fatos essenciais.

Quatro pontos demandam atenção especial:

a) *A Reação das Mulheres*. Marcos parece diferir muito dos outros Evangelhos ao descrever o proceder das mulheres após verem o túmulo vazio. O versículo que termina a parte autêntica do Evangelho de Marcos ¹¹ diz: "E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e de assombro; e, de medo, nada disseram a ninguém" (Marcos 16.8). Mateus diz: "E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos" (Mateus 28.8); enquanto que Lucas diz: "E, voltando do sepulcro, *anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os mais que com eles estavam*" (Lucas 24.9).

As diferenças aqui são mais aparentes que reais. No versículo imediatamente anterior nessa passagem de Marcos (16.7), o jovem junto ao sepulcro ordenou às mulheres: "Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que êle vai adiante de vós para a Galileia, lá o vereis, como êle vos disse." Vindo logo após isso, lemos as palavras "nada disseram a ninguém" que não podemos tomar como significando silêncio absoluto e permanente. A inclusão dessa ordem, na verdade, não deixa dúvida alguma de que o conhecimento que Marcos tinha da história se harmonizava com o de Mateus e Lucas, isto é, que as mulheres levaram a história da Ressurreição aos discípulos. "Elas nada disseram a ninguém" provavelmente nada significa além disto: que elas, admiradas e atónitas, nada disseram a ninguém no caminho de volta a suas casas, mas guardaram as boas novas para os ouvidos dos

¹¹ Os versículos de Marcos 16.9-20 não fazem parte do livro como nos veio das mãos do autor. O que Marcos realmente escreveu não vai além de 16.8, e o restante foi acrescentado por outra mão, provavelmente como compensação de um final ou remate talvez perdido.

discípulos.

b) *Os Locais das Aparições do Senhor Ressurreto*. Muitas vezes se afirma que a cena das aparições do Senhor ressurreto nos apresenta grandes discrepâncias. Afirma-se, por um lado, que temos Marcos (por inferência) e Mateus relatando as aparições na Galileia, sem se mencionar uma sequer em Jerusalém; ao passo que, por outro lado, Lucas e João descrevem aparições em Jerusalém ou em seus arredores, sem se mencionar uma só na Galileia, a não ser aquela descrita no Apêndice de João.¹² Alega-se que assim, neste ponto, os nossos registros estão divididos em dois campos irreconciliáveis.

Devemos reconhecer que há certa dificuldade aqui. Todavia, devemos notar que os registros dos Evangelhos não se dividem assim rigidamente entre as separadas tradições de "Jerusalém" e da "Galiléia" como se poderia pensar. Daquilo que possuímos de Marcos, é verdade e quase certo que êle tencionava ir adiante e falar duma aparição ou aparições na Galileia; mas podia ter em mente falar também das aparições em Jerusalém. É verdade que Mateus dá proeminência à Galileia em sua narrativa; mas não registra também uma aparição às mulheres em Jerusalém. É certo que Lucas não menciona nenhuma aparição na Galileia, mas evidentemente está reportando os acontecimentos de vários dias em espaço mui curto, e a omissão que êle faz das aparições na Galileia não pode ser tomada como prova certa de desconhecer êle qualquer uma delas. É certo que o quarto Evangelho menciona uma aparição na Galileia somente no Apêndice. Mas, nada significa o fato de ser aí mencionado?

Outro ponto devemos acrescentar. O fato de dois evangelistas concentrarem sua atenção nas aparições em Jerusalém e outros dois nas aparições na Galileia não equivale a serem contraditórios. Ao contrário, às vezes, torna-se o argumento do silêncio. O fato de

¹² Parece que o capítulo 21 do Evangelho segundo São João foi adicionado depois de completado esse Evangelho, que atinge o seu término natural em 20.30-31. Mas esse capítulo final deve ter sido adicionado muito cedo, visto não existir traço algum do Evangelho sem êle, e em seu caráter geral não difere muito do resto do Evangelho.

um dos escritores dos Evangelhos não mencionar certo ponto jamais pode ser tomado como prova de êle desconhecer tal ponto ou caso, ou de não aceitá-lo. Os evangelistas não nos dão senão seleções limitadas do material que poderiam ter usado, e a inclusão deste caso e a omissão daquele podiam muito bem obedecer ao sentido que cada escritor tem daquilo que julga mais proveitoso incluir e ao plano do livro que deseja escrever. Poderia, sim, parecer surpreendente o não falar os escritores todos de aparições em ambos os lugares. E esta não é a capital dificuldade que às vezes se apresenta. Não temos de escolher entre Galileia e Jerusalém como cenário das aparições. A explicação mais simples provavelmente seja a mais correta — isto é, que houve aparições pós-Ressurreição em ambos os lugares, e que, por motivos conhecidos dos escritores e em razão do espaço limitado de que dispunham, cada um deles deu proeminência apenas a um ou outro caso, ou aparição.

c) *Os mensageiros Junto ao Túmulo.* Um ponto de real diferença encontra-se nas descrições dos mensageiros encontrados ou vistos junto do túmulo vazio. Marcos 16.5 diz: "E entrando no túmulo, elas (as mulheres) viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco"; Mateus 28.2-3 diz: "...um anjo do Senhor desceu do céu. chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago, e sua veste alva como a neve"; Lucas 24.4 reza assim: "Perplexas (as mulheres) a esse respeito, apareceram-lhes dois varões com vestes resplandecentes"; e João 20.11-12 diz: "Maria permanecia junto à entrada do túmulo... abaixou-se e olhou para dentro do túmulo; e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés."

Francamente deve admitir-se que há contradição aqui, e não sabemos o suficiente para afirmar com segurança como conciliar isso. Todavia, podemos dizer que a origem disso e sua explicação ou elucidação provavelmente se devem levar à conta da excitação provocada por aqueles eventos inesperados da manhã da primeira Páscoa, e da inabilidade das mulheres de, mais tarde, ser perfeita-

mente exatas ou claras nos pormenores. Afinal de contas, trata-se apenas de pormenor, se bem que proeminente e algo notável. Os anjos são figuras secundárias da narrativa; e, no que tange aos eventos principais — o túmulo vazio e as mulheres recebendo boas-novas de que Jesus ressuscitara — há perfeita unanimidade. Nossa conclusão é esta: ainda que as diferenças verificadas entre as narrativas nesses pontos possam continuar a surpreender-nos, em nada ferem nossa crença na fidedignidade fundamental delas.

d) Discrepâncias entre os Evangelhos e I Cor. 15.3 em diante. Estas discrepâncias aparentes a princípio podem parecer muito sérias. Por exemplo, na passagem da Carta aos Coríntios menciona-se que a primeira aparição do Cristo Ressurreto foi a Pedro; não há referência específica nenhuma ao túmulo vazio; e também não se faz menção das mulheres. Mas, uma vez mais vemos que se dá muito mais importância a essas diferenças do que aos fatos aí provados.

Devemos lembrar dois pontos aqui, em especial. O primeiro é que o Apóstolo Paulo não está aqui a dar uma tábua cronológica de todos os eventos do Dia da Páscoa, nem de todas as aparições do Cristo Ressurreto, assim como os Evangelhos também, por sua parte, não apresentam relato completo delas. O segundo ponto é que Paulo não está procurando provar a seus leitores a Ressurreição, e sim apenas fazendo-lhes breve recapitulação de fatos que, para eles bem como para Paulo, não padeciam a menor dúvida.

Portanto, não há razão para se tomar I Cor. 15.3 em diante como uma citação feita por Paulo de tudo quanto ele sabia sobre a prova da Igreja a favor da Ressurreição, ou como completa afirmação de tudo quanto ele podia ter dito ou teria dito, caso se pusesse em dúvida o fato da Ressurreição de Jesus, e caso tivesse ele necessidade de defender essa verdade. Sendo assim, desnecessário é considerar como matéria de gravidade o haver certas diferenças — ainda mesmo que, por nossa falta de conhecimento total, achemos difícil harmonizá-las — entre a lista

incompleta de I Co 15 e os incompletos registros dos Evangelhos.

Longe de nós o afirmar que não há dificuldades reais em as narrativas que os Evangelhos nos apresentam da Ressurreição. Mas, a existência das dificuldades não é motivo para se negar a história da Ressurreição, se em outros aspectos ela se nos revela assaz digna de crédito. A dificuldade real não se acha nas "contradições" vislumbradas nos Evangelhos. Que são elas, afinal, comparadas com as suas tremendas concordâncias? A dificuldade real está no caráter sobrenatural do acontecimento ou do fato em foco.

Capítulo Quinto

O TÚMULO VAZIO

No dia da Crucificação os seguidores do Nazareno mostravam-se todos infelizes e completamente desanimados e batidos. Mas, naquele fim de semana algo aconteceu que os transformou por completo.

A primeira alusão aos estranhos acontecimentos foi feita a um pequeno grupo de mulheres. Tinham seguido a Jesus de maneira mui fiel, e tinham estado ao pé da cruz de Jesus, para estarem com o seu Senhor até ao fim. Viram-no morrer, e viram José de Arimatéia colocar o corpo d'Ele no sepulcro. Então, se dirigiram para suas casas, tencionando voltar — não no dia seguinte que era sábado e que, pela lei judaica, devia ser guardado mediante repouso — e sim no dia seguinte ao sábado, o nosso domingo, o primeiro dia da semana. O propósito delas era completar os derradeiros ritos de limpeza e embalsamamento, coisas a que José e seus ajudantes só haviam podido atender parcial e apressadamente por causa da aproximação do sábado que começava ao pôr do sol da sexta-feira (Lucas 23.49; 24.1).

No domingo, muito cedo, as mulheres se encaminharam para o túmulo, talvez juntas, talvez separadamente, e o acharam vazio.

Não se pode duvidar de modo algum de que o túmulo de Jesus estivesse realmente vazio na manhã do domingo. Basta uma coisa só para aclarar isso. É que desde o princípio, tanto amigos de Jesus como inimigos admitiram que o túmulo se achava vazio. Os judeus não negaram que o túmulo estivesse vazio, mas apresentaram uma razão ou explicação natural para esse fato. Alegaram: "Os discípulos de Jesus roubaram o corpo d'Ele do túmulo." Podia o fato de o túmulo estar vazio ter confirmação maior do que esta? (Mateus 28.12-15)

Mais ainda: sete semanas depois da crucificação, os discípulos de Jesus se achavam pelas ruas de Jerusalém anunciando: "O nosso Jesus ressuscitou dos mortos." Procuremos imaginar a cena. Na mesma cidade em que haviam matado o Mestre e Senhor deles, e a pouca distancia de onde o cadáver dele fora sepultado, os cristãos estavam proclamando a destemida mensagem de que Êle ressuscitara. Como tais novidades poderiam ser acreditadas ou admitidas como pura verdade, e como poderiam eles continuar a anunciar aquilo, se, bem à mão dos moradores de Jerusalém e aberto à inspeção de cada um estivesse o túmulo de Jesus e Seu cadáver dentro dele? Se o túmulo estava ainda ocupado, seria a coisa mais simples deste mundo, para as autoridades judias, relatar tal fato e assim reduzir ao silêncio a mensagem crista.

Já se aventou que a crença no túmulo vazio se originou dum engano da parte das mulheres. Eis a reconstrução que se faz dos eventos: Vindo ao túmulo, ainda à luz incerta e mortiça da madrugada, e, tendo diante de si muitos túmulos mais ou menos semelhantes, as mulheres se chegaram a outro túmulo que não o de Jesus. Aconteceu que aquele que elas escolheram estava aberto e vazio, e lá se achava um jovem em pé ao lado ou junto dele, talvez o jardineiro. Este, percebendo a missão delas e o engano em que laboravam, buscou dirigi-las ao túmulo certo. Apontando-o, disse-lhes: "Aquele que buscais não está aqui. Eis o lugar onde O puseram". Nesse ponto as mulheres ficaram tomadas de assombro e medo, com essa sucessão de eventos inesperados adicionada à estranheza das circunstâncias, que daí só imperfeitamente entenderam antes de fugirem daquele local. E a teoria continúa afirmando: quando surgiu noutras partes a crença na Ressurreição cie Jesus (a crença dos discípulos de que Jesus lhes havia aparecido), as mulheres, considerando a experiência que tinham tido, interpretaram aquilo como os Evangelhos registram.

Esta teoria, advogada por Kirsopp Lake, não deixa de ser engenhosa, mas não está de acordo com os fatos.

As narrativas evangélicas testificam enfática e unanimemente que foi o túmulo de Jesus que as mulheres visitaram e em nada oferecem qualquer base à teoria de Lake, que não passa de mera conjectura. Tal teoria exige notável combinação de coincidências: 1)

que as mulheres se enganaram acerca do túmulo de Jesus; 2) que o túmulo visitado erradamente estava aberto e vazio; 3) que se achava alguém junto ao túmulo justamente naquele instante, nas primeiras horas da madrugada; 4) que aquele estranho imediatamente adivinhasse ou descobrisse o engano delas e as corrigisse. Ainda mais: não é extremamente improvável que mais alguém fosse àquela hora ver o túmulo? Certamente, por exemplo, algum dos discípulos desejaria verificar aquela notícia do túmulo vazio — o que, de fato, as narrativas contam que fizeram. E, se admitirmos que ninguém, ou nenhuma das mulheres, ou nenhum dos discípulos voltou ao túmulo, não podemos crer ou imaginar que os hostis ao novo movimento fossem tão descuidados assim. Não estariam preparados para meramente tomar a palavra dos cristãos como o bastante para acreditar que o túmulo estava mesmo vazio. Podemos estar certos de que se as mulheres estivessem enganadas e o corpo de Jesus ainda permanecesse no túmulo, esse erro podia ser imediatamente aclarado.

Alega-se também que o Apóstolo Paulo não sabia nada a respeito do túmulo vazio — dedução esta tirada do fato de ele não mencionar isso claramente no capítulo 15 da Primeira Carta aos Coríntios. Mas não havia motivo para Paulo mencionar isso. Ele aí não está procurando provar a verdade da Ressurreição nem dar lista minudente (**minuciosa**) de todos os fatores da história, como se a ela se estivesse referindo pela primeira vez. Ele simplesmente estava recapitulando ou lembrando aos coríntios aquilo que dantes lhes contara, e que ele podia dar como concedido ou admitindo como parte integrante do credo deles. Em todo caso, a sequência de suas palavras implica o túmulo vazio: "Cristo morreu... foi sepultado... ressuscitou." Que significa o ser sepultado? Não significa ser colocado num túmulo? E o haver ressuscitado não significa deixar vazio o túmulo?!

Não obstante, aventa-se outra explicação. A antiga explicação é a apresentada pelos judeus quando afirmavam que os discípulos roubaram o cadáver de Jesus, explicação que de tempo em tempo aparece de novo. Mas já vímos as dificuldades que envolvem essa explicação. Razoavelmente não se pode admitir nenhuma

teoria que afirma que os discípulos de Jesus roubaram o corpo d'Ele. E, se fosse roubado por pessoas que não seguiam a Jesus, tal fato mui logo se publicaria. Se, por exemplo, as autoridades judaicas tivessem escondido o corpo ou levassem Pilatos a fazer isso (talvez para possivelmente evitar a veneração do túmulo), logo que se iniciasse a pregação da Ressurreição tal coisa seria proclamada e desdenhosamente se indicaria o verdadeiro local onde repousariam os restos mortais d'Aquele que os discípulos estariam dando como ressuscitado.

Há outros argumentos contra a teoria de que o corpo de Jesus foi removido por mãos humanas, amigas ou inimigas. Temos as dificuldades práticas da dita remoção, o que exigiria bom número de pessoas e que só poderia ser levada a cabo pela calada da noite. Ainda fica de pé a circunstância mui curiosa de aqueles homens gastarem tempo para desenrolar as mortalhas do cadáver, a despeito da necessidade de fazer tudo isso em segredo e com a pressa exigida (João 20.6-7). Mas, é claro que tal teoria não pode ser levada a sério.

Outra explicação se aventou — "a teoria da perda do uso dos sentidos." Essa ideia já de há muito ficou desacreditada, a ponto de Frank Morrison dizer que ela não passa realmente de uma curiosidade histórica".¹³ Mas uma forma ou feição dessa teoria pode ainda hoje oferecer dificuldade a mentes que lutam contra dúvidas.

Apresentada inicialmente pelo racionalista Venturini no começo do século XIX, a teoria do desmaio deve sua origem à força da prova em prol do túmulo vazio. Em face da necessidade de aceitar a explicação cristã ou de achar outra explicação, algumas pessoas têm sugerido que talvez Jesus não morreu na cruz, mas que apenas desmaiou, e que, recuperando os sentidos na friagem do túmulo, dali fugiu e voltou ao círculo dos Seus discípulos, assim dando-lhes a impressão de que realmente ressuscitara dentre os mortos.

A presunção básica desta teoria — a ideia de que Jesus na

¹³ Who Moved the stone?, p. 39

realidade não morreu na cruz — é coisa extremamente improvável. Quando Jesus foi retirado da cruz, é fato que as pessoas encarregadas de supervisionar a execução d'Ele estavam convencidas de que tudo chegara ao fim, de que Jesus morrera; tendo elas o dever de verificar se de fato o crucificado morrera, e tendo-se dado por satisfeitas, mui difícil nos é aceitar que estivessem enganadas .

Mas, mesmo admitindo, para argumentar, que Jesus não tivesse morrido, mas apenas houvesse desfalecido quando O tiraram da cruz. e O colocaram no túmulo de José de Arimatéia, é bom pensar no que essa teoria nos obrigará a aceitar! Preso na noite de quinta-feira, Jesus a passou toda desperto. Sujeitaram-nO, no decorrer da noite e nas primeiras horas da sexta-feira, a um ataque contínuo que exigiu d'Ele tensão nervosa e mental muito severa. Passou sem dormir e sem comer nem beber toda a sexta-feira. Foi submetido a terrível sangria e destituição de energias através da flagelação (o flagelo era um chicote de várias tiras de couro cujas pontas eram munidas de pedaços de chumbo). Enfraquecido a ponto de não poder nem mesmo carregar a Sua cruz, como era o costume, ao local da crucificação, foi levantado no madeiro, nele cravado, e ali deixado a agonizar até o maior calor do dia. Atravessaram-lhe o lado com uma espada, ou lança de soldado, antes de tirarem da cruz o Seu corpo. Este foi envolvido muitas e muitas vezes com muitas jardas de faixas ou panos, gastando-se cem libras de especiarias ou aroma, e finalmente colocado num túmulo cuja entrada foi fechada com pesada pedra, rolada até ela. Teremos de aceitar que esse Jesus que tanto Se avizinhara da morte e que se encontrava tão fraco fisicamente, por causa de seus sofrimentos e chagas, de certa forma retomara consciência dentro do túmulo e — conquanto enfraquecido — lutara contra aquela massa de ligamentos de linho que O envolvia, e sem ajuda de ninguém, a Se esforçar por sair do túmulo, rolara a pesada pedra que o fechava, e, sem que ninguém O visse, chegara até junto dos Seus discípulos. Pode-se crer nisso tudo?

Apenas para argumentar, aceitemos que tudo isso na realidade acontecesse. Podemos crer que esse Jesus ao voltar, fraco e quase nu e completamente desajudado, inspiraria em Seus

discípulos fé e confiança tão forte a ponto de eles acreditarem que Jesus vencera a morte?! Foi justamente neste ponto que há um século Strauss, embora céptico, aplicou um golpe mortal à teoria da perda de sentidos. Eis o que êle escreveu: "É evidente que esta visão da Ressurreição de Jesus, sem se levar em conta as dificuldades que ela acarreta, não resolve o problema agora em consideração — a origem da Igreja Cristã mediante a fé na miraculosa Ressurreição dum Messias. É impossível a um ser que foi roubado semimorto dum sepulcro, que se arrasta fraco e doente, necessitado de cuidados médicos, que precisa de ligaduras, fortalecimento e indulgência, e que por fim ainda sucumbe aos Seus sofrimentos e dores, é impossível que um ser assim nessas condições possa dar aos discípulos a impressão de ser vencedor da morte e do túmulo, o Príncipe da Vida, impressão essa que se tornaria o alicerce do futuro ministério deles." ¹⁴

Por fim, lembremos aquilo que Henrique Latham chama de o "testemunho dos panos do túmulo", porque testifica não somente contra a teoria do desmaio, mas também contra todas as aventadas explanações "naturais" do túmulo vazio. De cuidadoso estudo de João 20.1-10 no original grego, particularmente com referência às palavras "estava" (lying) e "dobrado" (rolled up), Latham se convenceu de que a posição dos panos do túmulo deixados lá é coisa mui significante. A narrativa diz: "Então Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Êle também viu os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte" (João 20.6-7). Os verbos gregos fortemente sugerem, assevera Latham, que os lençóis de linho do sepulcro¹⁵ foram encontrados dobrados num lugar à parte. Não estavam em desarranjo, ou desordem, nem atirados dum lado. Nem se achavam dobrados ou colocados em pilhas separadas. Achavam-se justamente como quando colocados ao redor do corpo de Jesus — só o corpo é que se fora.

"Quando Jesus Se levantou dentre os mortos, saiu ou fugiu dos lençóis do sepulcro sem perturbar o arranjo deles; retirando-Se

¹⁴ D. F. Strauss, em *New Life of Jesus*, p. 412 - 44

¹⁵ Os panos do sepulcro, conforme a moda oriental, eram de duas espécies: uns cobriam o corpo e outros eram postos ao redor da cabeça, deixando-se o rosto, o pescoço e os ombros a descoberto.

deles, os lençóis de linho caíram estendidos sobre a pedra, porque o suporte deles se fora, e por se acharem pesados das especiarias de mirra e aloés, cem libras de peso (ver João 19.39). Mas tal peso não estava a pressionar o lenço. Sendo de tamanho menor, ou por causa da natureza do seu material, ou por fazer já três dias que envolvia a cabeça de Jesus, ou por tudo isso junto, pôde o lenço conservar sua forma ereta depois de o suporte que o moldara haver sido retirado." ¹⁶ O testemunho dos panos do sepulcro é duplo. De encontro a todos os esforços para se explicar o túmulo vazio de maneira natural e não miraculosa, pergunta-se primeiro: "Como foram deixados no sepulcro os lençóis de linho?"; e, segundo: "Como puderam ficar daquele jeito?"

O fato incontestável do túmulo vazio é uma das maiores evidências a favor da Ressurreição. De encontro à rocha desta inquebrável peça da história se têm despedaçado as mais furiosas investidas; sim, porque o fato de o túmulo ter ficado vazio só pode significar que Jesus na realidade ressuscitou dos mortos. Não se pode explicar doutro modo essa gloriosa verdade. E a confirmação desta conclusão está no lato de que o melhor que os judeus puderam fazer foi acusar falsamente os discípulos de Jesus de haverem roubado o corpo do Mestre e Senhor deles. Aqueles ferrenhos opositores da Ressurreição de Jesus contavam em suas fileiras com algumas das mentes mais capacitadas dos seus dias, homens de invejável intelecto, de preparo jurídico, e verdadeiros expoentes na arte de argumentar. Acresce ainda que possuíam todos os fatos referentes ao caso, mas de um ponto de vista hostil. Tais homens, na verdade, estando com tudo nas mãos, tendo acesso fácil a todas as informações, e possuindo indubitável capacidade e todo aquele insopitável ódio à causa dos cristãos, eram os mais preparados de toda a história para provar que Jesus não ressuscitara, caso o pudessem. Não obstante, a melhor explicação que eles podiam apresentar do túmulo vazio ¹⁷ era

¹⁶ The Risen Master, p. 3

¹⁷ O túmulo em que Jesus foi sepultado era mui diferente dos sepulcros que no Ocidente estamos acostumados a ver. Como muitos daqueles tempos podemos ainda hoje ver ao redor de Jerusalém: consiste numa larga cova ou caverna cavada na rocha. Uma saliência a um lado da caverna serve de lugar de descanso para o corpo (e pode haver várias saliências). A entrada do túmulo é uma abertura de mais ou menos 4 pés de altura por 2 de largura e a porta é uma pedra circular tão grande como uma pedra de moinho que é movida para frente e para trás ao longo de um pau à boca do túmulo

aquela escapatória de que os discípulos de Jesus haviam roubado o Seu cadáver! Era isso o que eles podiam oferecer de melhor, coisa tão pobre e insignificante, uma vez que os fatos todos eram contra eles. Na verdade, Jesus ressuscitou.

Capítulo Sexto

AS APARIÇÕES DO SENHOR RESSURRETO

Podemos bem lamentar que os evangelhos só nos apresentam pequenas seleções e reminiscências acerca de Jesus. Não obstante, devemos ser agradecidos por aquilo que registram, e em especial estar alegres pelo fato de o Novo Testamento mencionar nada menos de dez aparições de Jesus entre o Dia da Páscoa e o da Ascensão. Ei-las:

- 1) A Maria Madalena - João 20.1-18 (Marcos 16.9).
- 2) Às mulheres - Mateus 28.1-10.
- 3) A Pedro - I Co 15.5; Lucas 24.34.
- 4) Aos discípulos na estrada de Emaús — Lucas 24.13-31 (Marcos 16.12-13).

Aos onze e outros discípulos em:

- 5) Lucas 24.36-49; João 20.19-23; I Cor. 15.5 (Marcos 16.14-18).
- 6) João 20.24-29.
- 7) Mateus 28.16-20; I Cor. 15.6.
- 8) Lucas 24.50-53; Atos 1.3-9 (Marcos 16.19-20).
- 9) A sete discípulos — João 21.1-14.
- 10) A Tiago - I Cor. 15.7.

No domingo de manhã, após a crucificação, o túmulo de Jesus foi encontrado vazio, não mais lá se achando o corpo d'Ele. O túmulo vazio só por si não poderia trazer a convicção imediata e clara de que Jesus ressuscitara. Causaria apenas perplexidade. Mas aconteceu algo mais naquele domingo, que veio explicar por que o túmulo ficara vazio e que enviou os amigos de Jesus para as ruas de Jerusalém e para ainda muito além a proclamar a mensagem da Ressurreição.

Que foi esse "algo mais"? O Novo Testamento testifica que, no mesmo dia em que se achou vazio o túmulo, Jesus apareceu vivo a alguns discípulos Seus, e que, no decorrer das seis semanas seguintes, foi Êle visto e falou várias vezes. Apareceu a um do Seu círculo íntimo, ou a um grupo deles; às vezes a alguns do círculo maior deseguidores, e mesmo a quinhentos deles reunidos. Lembrando como os Evangelhos nos dão apenas seleções, podemos tomar como razoavelmente provável que essas dez aparições registradas pelos quatro Evangelhos são apenas uma parte das aparições feitas por Jesus ressurreto. Juntas, constituem o testemunho da Ressurreição que na verdade se realizou.

Considerando-se esse testemunho, podemos tomar como concedido que os discípulos realmente creram que Jesus lhes apareceu. Conquanto não se conteste a realidade da crença deles, nega-se a realidade dessas aparições, e muitas teorias foram aventadas para explicá-las. Todas elas são variantes duma principal alternativa que podemos chamar de 'teoria da alucinação'. Então se alega que, muito embora os discípulos genuinamente tivessem a impressão de terem visto Jesus ressuscitado, foi a imaginação deles que os enganou.

E a teoria continua a dizer que eles ficaram de tal maneira impressionados por Jesus que esperavam que Êle vencesse a própria morte; tal expectativa de tal modo se apossou deles que imaginaram ver Jesus novamente vivo. Não era preciso muita coisa mais para que tal ideia avançasse. Provavelmente fora Maria Madalena quem iniciara ou concebera aquela ideia da Ressurreição. No jardim, imaginara ter visto o Senhor ressuscitado. Era o que bastava para que os mais discípulos de Jesus apanhassem aquela infecção, e, daí, atrás duma alucinação vieram outras mais.

À primeira vista esta teoria não deixa de ser atrativa. Mas a verdade é que ela não aguenta uma análise conscienciosa.

A primeira afirmativa de qualquer teoria da alucinação é a de que os discípulos aguardavam que Jesus ressuscitasse. A verdade é que os discípulos não esperavam a Ressurreição de Jesus. Muito

longe disso: a sexta-feira os deixara inteiramente abatidos, de coração partido, de espírito esmagado, e assaz desesperançados. Aquele, ao redor de Quem haviam edificado os seus castelos e sonhos, fora executado de maneira ignominiosa, e seus sonhos todos em nada se realizaram. Jesus falhara, sim, falhara vergonhosamente, e o melhor que poderiam fazer agora era cada um salvar a sua pele. Tudo neles conjurava contra qualquer visão de um Jesus ressuscitado. Achavam todos eles que tudo estava acabado.

Mui longe de conservarem um estado mental pró-Ressurreição, a verdade é que a princípio relutaram em aceitar o fato da Ressurreição, mesmo depois de ocorrida. Não tínhamos um grupo de homens prontos a se agarrarem a bonecos de palha e dispostos a abraçar qualquer ideia da Ressurreição. Ao contrário, quando as mulheres chegaram com o seu conto de que Jesus estava vivo, não acreditaram nelas — "tais palavras lhes pareciam um como delírio, e não acreditaram nelas" (Lucas 24.11). E um dos discípulos de Jesus, pelo menos, manteve-se mui céptico, mesmo depois de Jesus ressureto se lhe haver manifesto. "Ora, Tomé... não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe então os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas êle respondeu: Se eu não vir nas mãos dele o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (João 20.24-25; e também Mateus 28.17: 'E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.'). Tão desabonadoras são estas referências a alguns que faziam parte do grupo dos amigos mais íntimos de Jesus, que jamais teriam sido registradas nos Evangelhos, não fossem estes registros de puras verdades históricas. E tais referências deixam mais que claro que, longe de estarem esperando a Ressurreição, esta os tomou de surpresa, tanto que a reação imediata deles foi àquela indisposição ou má vontade para acreditar naquele fato tão glorioso.

Mas, poderão os incrédulos dizer ainda: "Acaso Jesus não profetizou que iria ressuscitar, e isso não criaria na mente dos discípulos certa expectativa acerca da Ressurreição?". Não se pode negar que Jesus profetizara Sua Ressurreição a Seus discípulos. Mas parece igualmente certo que eles não entenderam

as palavras proféticas de Jesus. Mesmo nos Evangelhos, escritos como foram à forte luz da Páscoa sobre aqueles eventos já testemunhados, os dizeres de Jesus a respeito da Ressurreição não são muito explícitos nem muito proeminentes. Isto é clara indicação de quão pouco entenderam eles aquilo no tempo em que Jesus proferiu tais palavras proféticas. Fosse porque Jesus deliberadamente recusasse tornar Sua linguagem bastante definida, fosse porque aquela idéia era para os discípulos muito estranha e assaz difícil, a verdade é que eles não apanharam aquilo que Jesus buscou contar-lhes. Talvez esta última ideia ou razão seja a mais aceitável. Os discípulos não tomaram Jesus a sério quando buscou avisá-los de Sua morte mui próxima, e, se se mostravam tardos e indispostos em compreender isso, como poderiam eles apanhar o ensino de Jesus a respeito da Ressurreição que então se seguiria? De qualquer forma, os esforços de Jesus, no sentido de que eles compreendessem o que os aguardava, era grande parte foram infrutíferos, e assim, quando veio o golpe, e a crucificação se deu, foram eles tomados de surpresa, como que inconscientes, e se dispersaram.

Bom será, neste ponto, voltar um bocado atrás e reafirmar que não há base alguma para a afirmação às vezes feita de que a história nos apresenta muitos casos análogos à Ressurreição de Jesus. Diz-se que nos tempos antigos comumente se falava em homens que haviam vencido a morte, e que mui facilmente se pode entender e admitir que os discípulos de Jesus, escudados na tese de que "os heróis não morrem" ¹⁸, estariam mui propensos e inclinados á ser iludidos pela alucinação dum Jesus Ressurreto.

Mas, não se trata do caso de existir numerosas lendas de Ressurreição. Renan diz: "Os heróis não morrem... Quando Maomé expirou, Omar saiu da tenda, de sabre na mão, e declarou que cortaria a cabeça daquele que ousasse afirmar que o Profeta já não existia" ¹⁹. James Orr comenta: "Mas os heróis morrem de fato, e o paralelo não tem razão. Os seguidores de Maomé jamais afirmam a sério que o Profeta não morreu, ou que ressuscitou dos mortos. Não há exemplo ou caso na história, a não ser no

¹⁸ Renan, Les Apôtres, p. 3

¹⁹ *ibid.*

Cristianismo, de uma religião fundada na crença da Ressurreição do seu Fundador." ²⁰

Anotaremos agora alguns aspectos das narrativas evangélicas que em nada se coadunam com a ideia de que as aparições de Jesus se devem a alucinações.

Nos Evangelhos não se colhe impressão nenhuma de que os discípulos fossem pessoas propensas a serem vítimas de alucinações. As alucinações em geral são o produto de pessoas nervosas e são comunicadas por sugestão a outras igualmente nervosas. É verdade que se pode aceitar a possibilidade de as mulheres terem sido vítimas de alucinação; mas os homens, sendo em geral pessoas menos imaginativas e mais práticas, não são facilmente vítimas de histeria e de fantasistas voos de imaginação como a teoria das alucinações quer situar o caso.

As circunstâncias em que se deram as aparições não estão de acordo com aquilo que a teoria da alucinação nos leva a esperar. Não há traço nenhum de sugestão de massa, com a fantasia dumamente de todo agitada a se multiplicar em outras. O que na realidade possuímos é certo número de aparições que se verificaram separadamente, independentemente, testemunhadas por diferentes indivíduos e grupos, em ocasiões e lugares diferentes.

As alucinações costumam ser coisas momentâneas. E as aparições de Jesus não foram coisas passageiras ou meros vislumbres. Mui frequentemente ficou com Seus discípulos tempo assaz considerável.

Tais aparições não se tornaram crescentemente extravagantes nem gradativamente numerosas, como sói acontecer nas alucinações. Ao contrário, são notavelmente restritas quanto ao seu caráter, e, longe de tomar frequência febrilmente assustadora por considerável período, cessaram por completo ao fim de seis semanas. E não só cessaram logo, mas também abruptamente, ao

²⁰ Op. cit., p. 146

passo que as alucinações costumam tomar em geral o curso das febres, atingindo ao cume e depois cedendo gradativamente.

As aparições parecem ter caráter "ordenado". Até onde chega o nosso conhecimento, parece que se efetuaram em lugar a distâncias progressivamente maiores, afastando-se do túmulo vazio, começando no túmulo, e movimentando-se cada vez para mais longe, e cessando logo que os discípulos claramente compreenderam que o Senhor Ressureto já não mais estava limitado a lugar e tempo. Se as aparições fossem criação da mente dos discípulos, poderíamos esperar que elas fossem um tanto indiscriminadas e de ocorrência acidental ou fortuita. E parece que não foi esse o caso. Pelo contrário, há notável índice de propósito, subjazendo à maneira pela qual elas foram encaminhando os discípulos cada vez para mais longe do túmulo, até deixá-los por fim com a clara convicção de que o Senhor deles fora liberto das limitações de tempo e espaço. E, não sugere isso que a origem dessas aparições estava algo fora dos próprios pensamentos dos discípulos, e também de sua expectativa, e que, de fato, esse aspecto das aparições torna clara e deliberada intenção que Jesus tinha de levar Seus discípulos à convicção de Sua onipresença, certeza essa que era elemento essencial ao futuro ministério deles e ao pleno êxito da Causa do Cristo Ressureto?

O resultado das aparições sobre o pensamento e o proceder dos discípulos é contrário àquilo que se poderia esperar que as alucinações conseguissem. Sim, porque as alucinações jamais poderiam deixá-los com ideias claras quanto à sua crença a respeito de Jesus, e com aquele firme propósito de continuarem a segui-lo e a pregá-lo com toda a energia de que eram capazes. A. B. Bruce resume assim o pronunciamento de Teodoro Keim: "A excitação que criara as visões poderia permanecer por tempo considerável, mas se esfriaria gradativamente, e por certo terminaria não em iluminação e energias, e sim em inércia, languor e apatia"²¹; e, em suas próprias palavras, Keim conclui: "Se, portanto, houve de fato uma transição imediata e primária das visões para uma energia serena e um calmo autodomínio então as visões não procederam de uma super-excitação visionária e gerada

²¹ Apologetics, p. 391

por si, nem de uma agitação fanática da multidão." ²²

É interessante, antes de encerrarmos este capítulo, fazer referência a uma famosa variante da teoria da alucinação, sustentada entre outros por Teodoro Keim, que já citamos no parágrafo anterior. ²³ Alguns escritores, dos quais Keim é o chefe, reconhecendo que as aparições deviam ter sido mais do que visões subjetivas, mas fugindo de admitir o fato da Ressurreição, buscaram abrir um caminho médio, ou de meio termo. Keim então sugere que, enquanto o corpo de Jesus permanecia no túmulo, Seu espírito concedeu aos discípulos visões que lhes asseguraram que Ele vencera a morte. Enviou "telegramas do céu" na forma de visões objetivas. O que os discípulos viram não foi uma fantasia gerada em suas mentes, mas algo que tinha realidade independente. Não obstante, era coisa visionária, que não exige que creiamos em nada além da sobrevivência do espírito de Jesus.

Esta teoria é bastante curiosa. Ela não deixa, porém, de afirmar que as aparições foram coisa apenas subjetiva — imagens subjetivas. Parece que esta teoria não responde às dificuldades que ocasiona, antes as agrava. A mola mestra desta teoria é o desejo de apequenar o elemento sobrenatural que há na Ressurreição. Mas a verdade é que esses "telegramas do céu" também são fenômeno sobrenatural. Difícil é compreender como, deste ponto de vista, Keim e seus amigos acham mais fácil crer nos "telegramas" do que na própria Ressurreição!

Vemos, por fim que este tipo de teoria, que admite visões concedidas por Deus em vez de 'alucinações', se destrói tão completamente como o outro, pela própria natureza dos fatos que ele precisa explicar. O caráter das aparições e o testemunho dos apóstolos a favor delas não podem receber essa forma que se adapte à cartola de Keim; e fica de pé o fato do túmulo vazio, que não pode ser equacionado por nenhuma teoria de alucinações ou de meras visões, quer subjetivas quer objetivas.

²² Citado por Orr, op. cit., p. 22

²³ History of Jesus de Nazara (1867-1872)

Capítulo Sétimo

A NATUREZA DO CORPO RESSURRETO DE CRISTO

Creemos que aquilo que se disse nestas páginas basta para mostrar que a Ressurreição de nosso Senhor é fato solidamente histórico. Mas inútil seria afirmar-se que não ficam de pé ainda alguns problemas em conexão com a história da Ressurreição. Um desses problemas é o de se entender com que se parece o corpo de Cristo ressurreto.

Pensando agora nesta dificuldade, não temos a pretensão de resolvê-la. Uma explicação completa ou global parece estar acima do alcance da mente humana, ao menos no presente. Mas há algumas coisas que devem ser ditas.

A primeira é esta: a verdade histórica da Ressurreição não é prejudicada por dificuldades de compreensão, ou de explanação, nem por problemas associados a ela. Muito embora este ponto pareça coisa clara e pacífica, há necessidade de se frisar isso. De um lado encontramos crentes perturbados pelo fato de não poderem dar explanação completamente satisfatória daquilo que às vezes chamamos de "o modo" da Ressurreição. Mas isso não altera o fato da Ressurreição — assim como o fato de não poder eu explicar como o sol exerce certa atração sobre a terra não altera o fato de exercê-la. Tomar-se uma "explicação satisfatória do modo pelo qual se deu a Ressurreição" como preliminar necessário à crença na Ressurreição é admitir visão às avessas. A tentativa de se obter tal explicação torna-se relevante só depois de se estabelecer fato.

O segundo ponto é este: examinando-se a natureza do corpo do Cristo ressurreto, apanhemos logo de início a ideia de que isso necessariamente deve estar além do nosso limitado entendimento humano. Nem devemos insistir em que o corpo do Senhor

ressurreto possa amoldar-se a algo que nossa mente possa compreender. Mesmo antes da Ressurreição, Jesus, ainda que sujeito àquilo que comumente chamamos de "leis da natureza", podia usá-las de maneira que não podemos repetir e que muitas vezes não podemos entender. Por que, pois, precisamos pensar nele como se limitado ao depois?

Em terceiro lugar, nosso esforço será no sentido de formular uma teoria que se coadune com os fatos, e não adaptar os fatos a uma teoria particular — erro que muitos têm cometido. Deixando de lado o nosso segundo ponto e admitindo que aquele corpo ressurreto deve pertencer a uma categoria já definida e inteligível, muitos concluem haver apenas duas possibilidades: ou era físico; ou fantasmagórico — mera aparência sem realidade. Assim, escolhem uma ou outra possibilidade e, feita a escolha, são impelidos a violentar os fatos por causa da teoria que esposam.

Nenhuma dessas teorias nos dá a explicação final; parece que a verdade está de algum modo entre as duas. Os fatos parecem desautorizar a possibilidade de o Cristo Ressuscitado ser simplesmente "carne" ou simplesmente "espírito". A verdadeira explanação, seja qual fôr, deve levar em conta três fatos capitais: (1) o túmulo foi deixado vazio; (2) durante aqueles "quarenta dias" (Atos 1.3) o Cristo Ressurreto demonstrou possuir atributos físicos, sendo, por exemplo, visível, tangível e audível; e (3) durante esses mesmos quarenta dias, o Cristo Ressurreto demonstrou possuir atributos não-físicos, podendo, por exemplo, aparecer e desaparecer à vontade.

Por fim, não podemos, talvez, fazer coisa melhor, ao descrever o corpo do Cristo Ressurreto, do que dizer que tal corpo é "espiritual", assim tomando emprestado, um tanto arbitrariamente a frase que o Apóstolo Paulo emprega em I Co cap. 15, quando trata da Ressurreição dos cristãos. Por certo é verdade que, falando de modo estrito, nada explica o simples fato de se afirmar que, na Ressurreição, o corpo físico de Jesus se tornou corpo espiritual. Isso não explica nem nos conta como se deu tal transformação, e nem nos diz exatamente o que é um "corpo espiritual". Assim, o mistério continua sendo mistério. Todavia, parece este o modo

mais satisfatório e plausível de se encarar o assunto, e isso facilita a solução de alguns problemas referentes ao corpo do Cristo Ressurreto. Por "corpo espiritual" não se quer significar algo que seja puramente espírito, como oposto à matéria. Quer-se dizer que o corpo físico de Jesus se tornou, na Ressurreição, corpo que era o instrumento perfeito e desimpedido do Seu espírito, não mais sujeito àquelas limitações necessárias aos Seus dias na terra, aos dias da Sua carne. Uma consequência disto é que as dificuldades de se conciliarem os aspectos aparentemente contraditórios do período dos "quarenta dias" se tornam bem menos agudas. Tal ponto de vista não explica como o corpo de Jesus, nesse período, demonstrou possuir características materiais e não-materiais, mas torna o fato de muito mais fácil aceitação.

Em Lucas 24.36-39, por exemplo, lemos isto: "Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco. Eles, porém, supresos e atemorizados acreditavam estar vendo um espírito. Mas êle lhes disse: Por que estais perturbados? e por que sobem dúvidas aos vossos corações? Vede as minhas mãos, e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho." Neste incidente o mesmo Senhor Ressurreto que repentina e misteriosamente "apareceu no meio deles" também lhes mostrou as mãos e os pés. Mas, o que a princípio parece dificuldade muito séria logo se percebe não ser causa ou motivo de ansiedade alguma, quando compreendemos que o corpo de Jesus se tornara "corpo espiritual", corpo não mais sujeito às leis que regem a cada um de nós. É tomo o diz Westcott: "O Senhor ressuscitou do túmulo; e aqueles que O haviam conhecido antes sabiam que Êle era o mesmo, embora transformado ou mudado." ²⁴ Quem apareceu aos discípulos foi realmente Jesus e não um espírito desencarnado ou sem corpo; não obstante, o que eles viram era coisa diferente do corpo de carne e superior às leis da carne.

Outra maneira de se descrever a Ressurreição de Cristo no corpo é falar nele como corpo "glorificado", e tal descrição pode ajudar-nos a tornar mais claro o que desejamos significar. Sim,

²⁴ Gospel of the Resurrection, p. 158

porque isso conserva, bem melhor do que as palavras "corpo espiritual", a dupla ideia de continuidade e de transformação. Era ainda o mesmo Jesus, mas não simplesmente o Seu corpo físico restaurado à antiga vida. Nem era também um espírito desencarnado, sem o corpo — o corpo que fora sepultado no túmulo fora tomado ou reavivado nesse Jesus Ressurreto — e mudança de fato maravilhosa se efetudara, de tal modo que agora "estava aparelhado para as condições duma vida superior assim como o nosso corpo de carne e sangue é aparelhado também para ela." ²⁵

Duas conclusões parecem estar aqui implícitas. A primeira é esta: a Ressurreição do Cristo todo — corpo e espírito juntos — de modo que nenhuma parte foi deixada para trás, a ponto de assim o túmulo ter ficado vazio, demonstrou, como talvez nada o poderia fazer melhor, a realidade e a perfeição de Sua vitória sobre a morte. A segunda: a transformação do corpo de Jesus indica a ulterior e completa transformação da natureza humana, quando o espírito reinará completamente sobre a matéria, para o que os propósitos de Deus se estão movimentando por intermédio do Cristo Ressurreto, e para o fim Ele "o ressuscitará".

Sem dúvida é perigoso tirar demasiadas inferências da Ressurreição de Jesus em relação à nossa. Sim, porque a nossa ressurreição pode ser em muitos pontos diferente da d'Ele. Mas algumas coisas parecem seguir-se ou concluir-se sem sombras de dúvida. Na ressurreição do indivíduo cristão, também parece — e o Apóstolo Paulo concorda com isto — que haverá tanto continuidade como diferença. Para nós, também, a ressurreição será em sentido real a ressurreição do corpo — não no sentido duma continuidade dos mesmos elementos materiais do corpo que ora possuímos, mas no sentido de ser preservada a essência da nossa personalidade, não como espíritos desvestidos ou destituídos. Nosso corpo ressurreto será bem diferente deste que agora temos, e não obstante haverá identidade — a mesma identidade, como diz o Apóstolo Paulo, que existe entre a semente e o grão colhido. E deve-se adicionar isto: a ressurreição do cristão jamais pode ser concebida sem o Cristo Ressurreto, e nem

²⁵ A. M. Hunter, *The Work and Words of Jesus*, p. 128

à parte da ressurreição de todos os mais cristãos. Não podemos pensar nela como uma ocorrência isolada ou puramente individual, porque na ressurreição dos mortos "o objetivo do indivíduo e o alvo da sociedade redimida encontram sua perfeita coincidência".²⁶

Mas, voltando ao mistério da Ressurreição do corpo de Jesus, urge confessar que, diga-se o quanto se disser sobre isso, permanecerá sendo sempre mistério.

Como se deu a Ressurreição não o sabemos, e nem o podemos saber. Nem sabemos também como foi que Jesus em Suas aparições aos discípulos revelou características ora da carne, ora do espírito. O conceito antigo, expresso por Orr, é o de que os quarenta dias decorridos entre a Ressurreição e a Ascensão foram um período de transição; no qual o corpo de Jesus esteve num estado intermediário — "não mais meramente natural nem ainda inteiramente introduzido no estado de glorificação. Ele apresenta características, requisitos que provam a sua identidade, e que revelam que a condição terrena não se apartara ainda de todo. Descobre qualidades e poderes que revelam que a condição extraterrena já se inaugurara."²⁷ É muito mais provável, como o diz Westcott, que o corpo de Jesus já estivesse completamente modificado para a sua condição "espiritual", ou "glorificada", já como instrumento completamente livre e perfeito do Seu Espírito, e que aquelas feições dos "quarenta dias", tais como ser audível, tangível e visível, eram "evidentes acomodações feitas unicamente por amor dos discípulos".²⁸ Mas, não o sabemos. Todas as tentativas para se explicar o mistério do modo" pelo qual se processou a Ressurreição são interessantes. Mas não são coisa vital. Ao final, não é caso de grande e urgente consequência o compreender exatamente como o Senhor Jesus ressuscitou dos mortos, nem exatamente qual a forma em que Ele apareceu a Seus discípulos. O que importa realmente, e o que nos basta, é saber que Ele ressuscitou não como Lázaro ressuscitou, para meramente retomar a vida anterior, e nem no sentido de mera sobrevivência da alma, mas de maneira que significa completa vitória sobre a morte,

²⁶ A. M. Ramsey, *The Resurrection of Christ*, p. 114

²⁷ *The Resurrection of Jesus*, p. 196

²⁸ A. M. Ramsey, *The Resurrection of Christ*, p. 46

de maneira tal que deixou o Seu túmulo vazio, e viu espírito e corpo juntados em união perfeita, que continuava a ser o mesmo Jesus já porém, sem a carne mortal.

Capítulo Oitavo

O TESTEMUNHO DA IGREJA NASCEXTE

Este capítulo considera algumas perguntas a respeito do início da igreja, as quais podem encontrar resposta unicamente no fato da Ressurreição.

1) **Que é que nos pode explicar a transformação dos discípulos?** É sabido que tremenda transformação se operou na mente e na visão dos seguidores de Jesus no final da semana da Páscoa. O dia da Cruz os deixara abatidos, esmagados, em fundo desespero. Morrera Aquele que eles pensavam ser o Messias; chegara a um fim assaz triste e ignominioso a aventura gloriosa a que se haviam arriscado com Jesus; agora, escondiam-se por detrás de portas mui bem fechadas, "com medo dos judeus", e temerosos de, caso não agissem prudentemente, terem o mesmo destino do Seu Líder e Mestre.

Mas... poucos dias depois, mal se podiam reconhecer aquelas mesmas pessoas. O desapontamento e o desespero deles cederam lugar a cânticos de exaltação e júbilo indescritíveis, e logo saíram para as ruas de Jerusalém — a praça forte de seus inimigos — anunciando e proclamando destemidamente que Jesus ressuscitara e que Ele é o Senhor.

Que é que fêz aquela diferença? Certamente uma experiência maravilhosa haviam eles tido depois da Sexta-feira da Paixão. E que experiência teria sido essa senão aquela de que davam vibrante e heróico testemunho — a descoberta de que o Senhor deles ressuscitara? Essa extraordinária transformação que eles experimentaram foi um milagre psicológico que só poderia ser explicado pelo milagre da Ressurreição de Jesus.

2) **Que é que pode explicar o nascimento da Igreja?**

O Dia da Páscoa foi o dia em que nasceu a Igreja Cristã, e foi a

Ressurreição que lhe deu existência.

Se o corpo crucificado e morto do Senhor deles fosse a última coisa que eles vissem de Jesus, por certo que desde a primeira oportunidade todos teriam abandonado a Causa d'Ele, indo cada um para sua casa e suas anteriores ocupações. Talvez pudessem reter em suas memórias um ou outro quadro de sua amável associação com o jovem profeta da Galileia, e, em seus corações, patéticos anseios por aqueles dias idos. Tais pensamentos, porém, seriam simplesmente coisas do passado, e nada mais. Por cima de tudo ficava sempre a triste recordação do chocante final. Quiçá, quando uma ou outra vez acontecesse estarem juntos, poderiam entregar-se a doces reminiscências daqueles dias que tanto lhes haviam prometido. Uma coisa, porém, era certa. Tomariam todo o cuidado possível para jamais conversar a respeito de Jesus ou de Sua companhia com gente que não fosse do círculo íntimo deles, porque, se o fizessem, atrairiam o escárnio deles, senão a ira daqueles incrédulos. Quanto ao pregar publicamente o nome de Jesus, não atreveriam, e nem nisso jamais pensariam. Em última análise, que pregariam eles? Unicamente uma história cuja conclusão era tragédia e derrota. E simplesmente o sugerir a outros que lançassem sua sorte com esse Jesus seria pura e rematada loucura; sim, porque Jesus morrera e se fora.

Parece que de fato esse seria o desencadear dos eventos, a sucessão mais que natural dos acontecimentos pós-morte e sepultamento de Jesus. Pouco, sim, mui pouco, ou quase nada mais se falava de Jesus de Nazaré. Mas todos sabem que o curso da história foi completamente diferente. Poucos dias depois das tristezas e esmagamento de coração das cenas do Calvário, os seguidores de Jesus romperam num verdadeiro fogo de ações temerárias e desassombradas, desafiadoras mesmo. Não se espalharam, nem voltaram para seus antigos recantos e ganha-pão diário; não, a história encontra-os novamente reunidos e cheios de alegria, unidos numa cruzada de evangelização dentro da mesma cidade que presenciara a Crucificação do Senhor deles. Aproveitavam agora toda e qualquer oportunidade para proclamar o nome de Jesus e chamar outros para O seguirem — para seguirem não a um herói morto, mas ao Salvador vivo.

Dum lado, temos o quadro do que teria acontecido, caso a cruz fosse o epílogo, o trágico fim de Jesus; do outro lado, temos o quadro daquilo que aconteceu. Que é que pode explicar essa reviravolta nos acontecimentos senão a Ressurreição do Senhor Jesus?

3) Que é que pode explicar o avivamento e crescimento da Igreja? Admitindo-se que ela tivesse nascido, difícil é imaginar que ela pudesse viver muito tempo, caso a Ressurreição não fosse gloriosa verdade. Em seu início, que era a Igreja Cristã? Um grupinho insignificante, inexpressiva minoria quase que desprezível, a viver num ambiente muitíssimo hostil e perseguidor. O número dos seguidores de Cristo em Jerusalém não ia além de 120 quando se começou a pregar a Salvação por meio de Jesus Cristo (Atos 1.15), e eles não só se encontravam em território hostil, mas também na verdadeira fortificação inimiga. Jerusalém era a sede, a praça forte dos que mais odiavam o nome de Jesus, dos que haviam assassinado Jesus — os oficiais judeus, o sumo sacerdote, os fariseus e os restantes. O desejo capital deles todos era pôr um dique à prática da Ressurreição; e tudo de fato estava a favor deles — o poder, o prestígio, a influência, a autoridade e a organização. E o que mais os favorecia era isto: se a Ressurreição fosse uma burla, seria loucura lançar os fundamentos da Igreja Cristã na própria cidade de Jerusalém, justamente onde seria muito fácil aos inimigos de Cristo desmascarar aquilo tudo. Se a Ressurreição fosse inverdade, não seria coisa mais que fácil para os opositores judeus, com todos os seus recursos e conhecida habilidade, acabar de vez com aquele quimérico sonho, logo que êle nasceu?

Busquemos ter exata visão de Jerusalém, quando os discípulos de Jesus começaram a pregar a Ressurreição de Jesus. A oposição dos chefes judeus deveria ter sido coisa violenta e encarniçada (pois pensavam que, tendo matado a Jesus, aquela amolação ou praga chegara ao seu fim), e deveriam eles desesperadamente ter lançado mão de todos os recursos ao alcance para fazer cessar aquela incômoda pregação. Eram aqueles inimigos de Jesus homens de intelecto privilegiado, e

contendores e argumentadores mui brilhantes. Por certo que investigaram todos os aspectos daquela história ou caso, estudando-a de todos os ângulos, e com espírito ultracrítico; e, por certo, a menor fraqueza, ou falha, seria explorada ao máximo. Que possibilidade de sobrevivência teria a história da Ressurreição de Jesus, caso fosse inverdade, na cidade de Jerusalém, justamente ali onde se poderiam encontrar os melhores elementos e provas para se pôr à calva a falsidade dela, e onde a oposição a tal fato era coisa mais que sensível e até mortal? Em Jerusalém achavam-se então advogados de mão-cheia, superpreparados, indivíduos versados no manejo de argumentos e na ciência da controvérsia; e doutro lado um grupinho de gente comum ou ordinária, uns poucos com algum preparo, mas a mor parte com pouco, ou nenhum. Esses eram os gladiadores que iam medir-se na arena das ruas de Jerusalém, faz isso mais de mil e novecentos anos. Todas as vantagens e possibilidades estavam do lado dos advogados da lei judaica. No entanto, saíram perdendo. E, poderiam ter eles perdido, se a causa que então combatiam — a dos cristãos a sustentar e pregar a Ressurreição de Jesus — era uma burla, uma mentira?

A verdade é que a Igreja Cristã não somente sobreviveu como progrediu. Isso significa não só que a verdade da Ressurreição era por demais evidente a ponto de vencer os argumentos dos inimigos, mas que tinha a força e o poder de convencer a muitos que até então permaneciam cépticos ou indiferentes. A Igreja Cristã foi ganhando cada vez mais terreno, e isso a passos de gigante. Passada pouco mais de uma geração, o Cristianismo já se havia espalhado até lugares mui longínquos, bem distantes do local em que nascera, alcançando a Ásia Menor, a Grécia e mesmo Roma, e já contava em suas hostes não milhares mas centenas de milhares. Teria a Igreja crescido tanto assim, se a sua mensagem central estivesse baseada num engano, em uma burla, numa fraude, fosse esta voluntária ou involutária? Então o povo ganho pela Igreja Cristã é claro que muito facilmente não se inclinaria a admitir credulamente essa história da Ressurreição. Os preconceitos de todos eles, tanto judeus como gentios, estavam mui contra essa história. Assim, os pregadores cristãos deviam estar constantemente empenhados em debates, sempre sujeitos a

perguntas, e de contínuo sob o fogo de investigações críticas sobre a natureza daquela sua mensagem tão surpreendente e inusitada, exigindo-se-lhes provas cabais do que pregavam. Sendo assim, o número extraordinário de conversos fala por si.

E isto é coisa bastante notável — a mais surpreendente de todas — no que diz respeito ao progresso da Igreja dentro da própria cidade de Jerusalém. Poucas semanas antes de inaugurada a prédica pública da Ressurreição de Jesus, a carreira do Nazareno chegara a um fim inglório num patíbulo daquela cidade. Muitos dos habitantes de Jerusalém, aos quais foi feita a primeira pregação, deviam ter presenciado os últimos momentos de Jesus na cruz, pois que a crucificação fora espetáculo público, e todos sabiam muito bem o que acontecera. Para eles a crucificação parecera coisa final, e prova cabal e indiscutível da falsidade das pretensões do rabino de Nazaré. Os acontecimentos eram conhecidos de todos, e eram mui recentes, estavam bem perto deles no tempo e no espaço. Assim, muita coisa, e tudo quanto se dizia da Ressurreição podia ser diretamente investigado. As autoridades, que eram os líderes do povo judeu e exerciam grande influência sobre eles, negavam de modo absoluto a Ressurreição; sendo peritos nas artes do debate e do argumento, certamente empregariam sua dialética ao máximo, atacando de todos os lados a história dos discípulos de Jesus, explorando a menor fraqueza ou senão que aparecesse. À vista de tudo isto, é claro que a história que persuadiu a muitos em Jerusalém de que Jesus de fato ressuscitara foi uma história que resistiu a toda e qualquer crítica. Se a história da Ressurreição não era verdadeira, como se explica que milhares se convertessem já nas primeiras semanas?

4) Que é que pode explicar a observância do Primeiro Dia da Semana? O principal dia de culto para os cristãos era o primeiro dia da semana, isto é, o dia que chamamos domingo, e não o sábado judaico, que é o nosso sábado de folhinha. Não sabemos exatamente quando é que o primeiro dia da semana passou a ser "o dia de culto", porque os primeiros cristãos, tendo saído dos arraiais do judaísmo, continuaram por algum tempo a observar ou realizar o culto no dia costumado (no sétimo dia da semana). Mas parece que mui cedo eles começaram a reunir-se no domingo

(primeiro dia da semana), para celebrar o seu culto distintivo. Lemos, por exemplo, em Atos 20.7 que "no primeiro dia da semana, quando nos reunimos para partir o pão, Paulo... exortava-os". O dia judaico era contado do pôr do sol até o pôr do sol seguinte; a reunião dos discípulos provavelmente se deu por ocasião do que chamamos a noite de sábado, depois que o pôr do sol terminara o sábado e iniciara o primeiro dia da semana. A princípio, talvez fosse aquele o único período livre deles no domingo, que era um dia de trabalho; mas, gradativamente o culto do primeiro dia da semana foi substituindo completamente o culto do sábado.

Foi este um fato assaz notável. Os primeiros cristãos eram judeus, e esses judeus conversos continuaram a constituir a mor parte da Igreja Cristã por todo o correr do primeiro século. Só mesmo uma razão muito forte os levaria a mudar o dia de culto. E qual teria sido essa razão ou motivo senão a convicção de que foi num primeiro dia de semana que Jesus ressuscitou dos mortos?

Significado adicional pode ser encontrado no fato que o Livro do Apocalipse (1.10) chamar o primeiro dia da semana de "o dia do Senhor". Esse livro foi escrito na Ásia Menor, onde o culto do imperador estava muito difundido e onde se celebrava mensalmente um festival em honra do imperador, festa essa chamada "o dia do Imperador". Pensa-se que aquele festival era a comemoração mensal do dia em que o imperador subira ao trono. Isto sugeriria que o aplicar-se o título de "o dia do Senhor" ao primeiro dia da semana — já por aquele tempo universalmente reconhecido pelos cristãos como o dia de culto — era uma recordação bem desafiadora e agressiva de que aquele era o dia da subida ou elevação de Cristo ao trono — o dia da semana em que Jesus ressuscitara dos mortos. Eis o que diz o Dr. Denney: "Cada domingo que vem e vai é um novo argumento a favor da Ressurreição. Aquele, acontecimento decisivo na inauguração da nova religião se efetuou naquele dia — e foi tão decisivo aquele evento, que chegou a deslocar até mesmo o sábado dos judeus." ²⁹

²⁹ Jesus and the Gospel, p. 113

5) Que é que explica a conversão dos sacerdotes judaicos? Se nos impressiona bastante a realidade de já naqueles dias o fato de a Ressurreição encontrar crédito na mente e coração de muitos dentre o povo judeu residente em Jerusalém, mais ainda nos surpreende que a Ressurreição fosse aceita como verdade indiscutível por alguns sacerdotes da cidade (Atos 6.7). Faziam eles parte do elemento ou grupo mais hostil aos cristãos. E eles tinham conhecimento de tudo quanto se passara. Tinham em mão todas as informações apresentadas pelos inimigos da Causa de Cristo e conheciam muito bem todos os melhores argumentos e teorias contra-Ressurreição. De todos os lados predispostos a rejeitar as pretensões dos cristãos, eram tais sacerdotes talvez os que mais se demorariam a admitir que Jesus ressuscitara mesmo. Não obstante, muitos deles se converteram. Pode-se crer que alguns deles se converteram, mesmo sem ter chegado à clara conclusão de que Cristo de fato ressuscitara?

6) Que é que pode explicar a conversão de Saulo de Tarso? Veio certo dia, talvez quatro anos depois da crucificação de Jesus, em que um jovem judeu, odiando o credo cristão com cada fibra do seu coração e caçando seus aderentes com todas as energias do seu ser, mudou completamente de orientação e de rumo, e se tornou o mais zeloso e brilhante advogado da Igreja Cristã. Era rabino e fariseu, de excelente preparo acadêmico, e perseguira atrozmente os discípulos de Jesus. Era Saulo a última pessoa que alguém poderia esperar que se fizesse cristão um dia. Todavia, tal se deu, e Saulo de Tarso se transformou tão notavelmente que todo o mundo que o conhecia ficou pasmado e perplexo (Atos 9.21).

O fato ainda se tornou mais significativo porque Saulo dantes odiava e perseguia sem desfalecimento os cristãos, possuindo as melhores informações possíveis devidas a um rabino judeu. Sendo fariseu, e ocupando posição de destaque e de chefia na campanha contra a Ressurreição, devia ter em suas mãos todos os fatos conhecidos pelo quartel general judaico, e devia também conhecer todas as explicações "naturais" e todos os meios empregados para refutar a afirmativa de que Jesus ressuscitara. Tanto intelectual como emocionalmente, achava-se Saulo de Tarso fortemente

inclinado contra o credo cristão. E eis que, de repente, êle dá meia volta ao rumo que vinha seguindo. Tendo saído para dar caça aos cristãos da cidade de Damasco e exterminá-los, de lá regressou convencido inteiramente de que Jesus ressuscitara dos mortos! O que de fato se deu na estrada de Damasco, além do fato de ter tido êle uma visão do Ressurreto, é matéria ou assunto sobre que muitos diferem. Aquela "aparição" de Jesus claramente foi diferente das outras mais, pelo menos em certos respeitos. Mas, Saulo, pelo menos, não duvidou de sua "realidade independente"; e, assim, a despeito de ser diferente das outras, êle a adicionou à lista das aparições do Cristo Ressurreto (ver I Co Cap. 15).

Assim se entende a experiência de Saulo, o significado dela como prova da Ressurreição é a mesma, ou é da mesma natureza das primeiras aparições de Cristo aos discípulos antes de Sua ascensão. Se, por outro lado, a visão existiu somente na mente de Saulo, o seu significado probativo não deixa mesmo assim de ter seu peso. Sim, porque o ponto crucial é este: tal visão não se daria se em Saulo não houvesse crescido, consciente ou inconscientemente, a convicção de que era verdadeira a história da Ressurreição de Jesus. E Saulo jamais poderia chegar àquele ponto, se a evidência não fosse tal que êle, mesmo a despeito de suas ideias, não a pudesse negar razoavelmente.

O significado da conversão de Saulo pode ser mais bem avaliado enfatizando-se quatro pontos:

a) Saulo era pessoa de extraordinária inteligência, tido e havido por todos como um dos gigantes intelectuais da História Universal, e também de fina educação e preparo acadêmico. Temos, portanto, aqui não uma cabeça que não pensa, que não questiona, ou crédula, que pudesse ser facilmente capturada ou convencida. Sua mente era capaz de joeirar as coisas e os fatos, em busca de provas, e de submeter fatos alegados a escrutínio e análise mais que severos. Era homem, pois, que jamais abraçaria um credo que estivesse cimentado em decepção ou em alucinações.

b) Sendo fariseu excepcionalmente ardoroso, todo o treinamento e formação de Saulo por certo o predispunham contra a Fé Cristã,

e assim êle achava que tal credo estava visceralmente errado. Só a ideia de um homem que morrera crucificado ser o Messias era anátema para êle, e não admira que odiasse de maneira violenta os cristãos, aos quais tomava como blasfemos e enganadores. Tal homem aceitaria a Causa Cristã, somente se não houvesse outra alternativa.

c) A conversão de Saulo não foi questão de meio-coração, de mero assentimento intelectual. Êle não começou meramente a pensar que estivesse errado, mas de imediato se convenceu de que os cristãos é que estavam com a verdade. Não deixou propriamente de perseguir, mas já começou a pregar. Assim como se destacara contra Cristo, agora passava imediatamente a combater a Seu lado. A conversão de Saulo foi questão fechada, líquida, completa, como a de pessoa que está certa e além de qualquer possibilidade de dúvida.

d) A conversão dele não foi somente completa e radical, mas também duradoura, permanente, para sempre. Quando Saulo mudou de terreno na cidade de Damasco, mudou para toda a vida. A nova rota então traçada foi seguida à risca por todos os seus dias restantes na terra, ainda que isso lhe custou sofrimentos e perseguições indizíveis. Então experimentou Saulo perturbações e dores — ridículo, ódio, apedrejamentos, flagelações, prisões, naufrágios e martírio. Mas, nada conseguiu fazê-lo tornar atrás, e, como bem o disse Frank Morison: "Você jamais poderá explicar essa dedicação prática e perene, de toda uma vida, por temporais atmosféricos ou providenciais, nem por qualquer experiência histórica ou efêmera." ³⁰

7) Que é que pode explicar a crença na divindade de Jesus?

Desde o início, a Igreja Cristã chamou Jesus de Salvador e também de Senhor. Isso para dar a Jesus a mesma honra, a mesma posição que é dada a Deus, reconhecendo-O como Deus. O vocábulo grego para Senhor — Kyrios — originariamente significava aquele que ocupava posição de autoridade, empregava-se para o possuidor, o governador, ou para designar o chefe de família. Mais tarde, tornou-se título de tratamento, correspondendo

³⁰ Who Moved the Stone?, p. 136

ao sir inglês, senhor. E, para nós, é importante saber que passou a ser vocábulo usado na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento) para traduzir a palavra hebraica lavé ou Jeová, tornando-se para os judeus o equivalente grego de Deus. A aplicação desse título a Jesus trouxe consigo a implicação de que Ele era divino.³¹

Para se apreciar bem quão extraordinário foi o fato de Jesus ser adorado como Deus, precisamos recordar que os primeiros cristãos foram judeus. Eles eram estritamente monoteístas e assim o foram por séculos. Vemos, pois, judeus não podendo resistir ou fugir à convicção de que Jesus era divino. Que terrível e tremenda afirmação estavam eles fazendo! Como não seria heterodoxo para eles atribuir a um homem nascido de mulher uma posição de igualdade com o Deus de seus pais! Será que outra coisa ou fato que não a Ressurreição os teria impelido a isso?

Deve ser dito que as palavras e obras de Jesus implicavam Sua Divindade e que isso explica suficientemente o culto que Lhe é dado. Mas é mui claro que antes da Páscoa os discípulos mostravam-se tardos em entender a Jesus e Seus ensinamentos. Tinham chegado, é verdade, a reconhecê-LO como o Messias, mas não como divino. Isto requeria um passo maior para a fé, visto que o pensamento ortodoxo judeu em geral não toma o Messias como um ser de origem divina. O Messias seria um homem especialmente escolhido e especialmente dotado como o agente de Deus — mas homem. Pode ser que uns poucos de maior discernimento que os restantes, houvessem reconhecido ou percebido em Jesus implicações de divindade. Mas mesmo esses recuaram à vista do desastre da cruz.

O que torna o subsequente culto de Jesus mais surpreendente é o fato de a vida d'Ele ter chegado àquele final. Nenhum pensamento de divindade poderia ter sobrevivido na mente de alguém, após a crucificação. Que Ele viesse a morrer, era já coisa

³¹ Bom é lembrar, também que, o vocábulo Kyrios no início da Era Cristã tinha dois significados comuns: 1) referia-se aos deuses pagãos; 2) designava o imperador romano. Isso quer dizer que quando se aplicou o título a Jesus, o ousado significado dessa aplicação seria prontamente apanhado pelos gregos e romanos, bem como pelos judeus.

séria; mas que morresse crucificado (a crucificação era para o judeu a morte mais abominável de todas)³². Devia levar os discípulos a abandonar toda e qualquer ideia de messianidade e mesmo de divindade relativamente a Jesus. Se fosse Jesus verdadeiramente o Filho de Deus, então Deus não o livraria da morte e não O vingaria diante dos olhos d'Ele? Do ponto de vista dos judeus, atribuir divindade a um homem que morrera crucificado era coisa sumamente ofensiva e **rematada** blasfêmia.

Que devemos dizer, então, do fato de assim se fazer? Pode-se explicar isso doutro modo, senão que Deus vingou e defendeu por fim a Jesus? Por todo o livro de Atos dos Apóstolos, vê-se claro que para os primeiros cristãos a cruz era objeto de horror e vergonha, coisa que só a Ressurreição pôde modificar ou transformar. Os cristãos cultuavam e adoravam a Jesus não por causa da cruz, mas apesar dela. Foi unicamente a interpretação da Cruz à luz da ressurreição que produziu, depois de certo tempo, essa mudança de atitude que pode bem ser vista, por exemplo, na Carta aos Filipenses e no quarto Evangelho, onde a própria Cruz é encarada como a manifestação da glória de Deus. Tal mudança ou transformação só poderia ter sido produzida por uma inabalável certeza ou fé na Ressurreição.

Há ainda outro ponto a anotar. Não foram somente aqueles que seguiam a Jesus antes da crucificação que passaram a louvá-LO como o Senhor, depois dela. A história é ainda mais admirável. Os cristãos aceitaram aquela nova doutrina deles (ressurreição de Jesus) tão admirável e surpreendente acerca da divindade de Jesus, e levaram muitos dos seus compatriotas a aceitá-la também. Assim, para cada novo converso, Jesus se tornava o Senhor.

"Jesus é o Senhor" foi de fato o primitivo credo da Igreja Cristã e, semelhantemente, fazia parte da profissão de fé que os novos membros dela faziam por ocasião do batismo. E, que grande e profunda mudança, ou revolução, trazia aquilo aos conversos judeus, quando assim pensavam e falavam em Jesus! Tal idéia,

³² Ver Deuteronômio 21.22-23; Gálatas 3.13

mesmo quando Jesus ainda vivia, essa de Jesus ser Deus, teria enchido de repugnância a cada judeu. E, depois da crucificação então, teria enchido cada judeu de tamanho horror que a maioria deles recusaria terminantemente ouvir qualquer coisa que os cristãos ousassem dizer de Jesus. Todavia, é fato que surpreende anotar que muitos deles depois consentiram em ouvir os discípulos, a despeito de seus amargos preconceitos, e ficaram convencidos e se converteram. Também eles certamente acabaram mais que certos de que de fato Jesus ressuscitara dos mortos.

Capítulo Nono

A EVIDÊNCIA DO ANTES E DO APÓS

Distinta da evidência já citada, a que agora vamos apresentar pode ser razoavelmente explicada à parte da Ressurreição. Tem valor especialmente para o cristão, que vê nela ulterior confirmação duma crença já aceita.

1) A Evidência do Antes: O Testemunho Antes da Ressurreição de Jesus. É bom lembrar que "a ressurreição é a ressurreição de Jesus." ³³ Como diz Machen: "O que estamos buscando firmar não é a ressurreição de um homem ordinário ou comum... e sim a ressurreição de Jesus. Existe tremendo preconceito contra a ressurreição de qualquer homem comum, mas... no caso de Jesus a pretensão ou suposição é exatamente o contrário. É improvável que um homem ordinário ou comum ressuscite, mas é improvável que Este Homem não ressuscite." ³⁴

Os cépticos afirmam que é disparate admitir-se que um homem possa ressuscitar. E os cristãos concordam com isso. O que os cristãos defendem não é a ressurreição de "um homem", e sim a de Jesus Cristo. De fato, a ressurreição é um fenómeno estranho a ser introduzido na história humana. Mas, quando a Pessoa de que se trata é tal como a de Jesus, torna-se isso um fenómeno muito menos assustador ou surpreendente. Para Êle tudo parece adequado. E não só adequado como também inevitável.

E assim foi que pareceu tudo aos primeiros discípulos. O Apóstolo Pedro, por exemplo, ao fazer o primeiro discurso cristão, disse de Jesus: "Mas Deus o ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porque não era possível fosse êle retido por ela" (Atos 2.24).

³³ Denney, Jesus and the Gospel, p. 158

³⁴ The Christian Faith in the Modern World, p. 227

Mas, não dissemos atrás que a Ressurreição tomou de surpresa aos discípulos? Na verdade, assim foi. A ideia de Jesus ressuscitar dos mortos era coisa estranha ao pensamento deles antes de se dar a Ressurreição. Mas, quando souberam do fato, a essencial "exatidão" ou propriedade da Ressurreição tornou-se aparente e clara; e, quando se punham a olhar para trás, parecia-lhes agora que a história de Jesus não podia mesmo terminar de outra maneira.

E nós hoje, na distância em que nos achamos e com a nossa perspectiva, podemos ver ainda mais claramente que nunca existiu um Homem como aquele, e que Sua Pessoa e Sua Ressurreição são mais que persuasivas, na verdade. A Sua unicidade é inegável. O caráter d'Ele é único, pois Ele é o único sem pecado em toda a história. De fato, a impecabilidade é coisa ainda inadequada para descrever o caráter de Jesus; sim, porque impecabilidade é palavra negativa, e a vida de Jesus é não só vazia de todo o mal, mas cheia de todo o bem. O ensino d'Ele também foi único. "Nenhum homem jamais falou como esse homem" — foi o relatório apresentado de volta pelos agentes dos principais sacerdotes e fariseus (João 7.46), e este veredicto tem recebido a confirmação de todos os séculos. Os feitos de Jesus também demonstram a Sua unicidade. Muitas e maravilhosas foram as Suas obras de cura, às vezes do corpo, às vezes da mente, outras vezes do espírito, e ainda doutras vezes dos três juntos.

A própria Pessoa de Jesus nos desafia a aceitar a Sua Ressurreição como inevitável. Se uma pessoa como Jesus permanecesse dominada pela morte, não seria isso negar base moral ao nosso universo? Não haveria daí razão para se caçoar da crença de que Deus tem parte neste nosso universo?

O nosso argumento aqui talvez seja mais bem resumido numa citação maior destes dizeres de Denney: "Se as testemunhas afirmassem de Herodes, ou de qualquer outro indivíduo comum, aquilo que disseram de Jesus, claro é que ninguém as levaria a sério. A própria congruência moral nos levaria a não acreditar logo de início no que afirmavam... Será exagero inferir que, quando rejeita a ressurreição de Jesus, o rejeitador se esquece" de que é

esta ressurreição que está em pauta? Pensa êle na ressurreição em geral; na ressurreição de qualquer um; possivelmente pensa nela como o reanimar um cadáver... Mas, se o rejeitador pensar e perceber o que Jesus significa — se tiver presente em sua mente e consciência o incomparável valor moral de Jesus, e a Pessoa de quem se fala que ressuscitou — é claro que o problema já será muito diferente, muito outro. Então, sentir-se-á bem mais disposto, sob a impressão do valor de tal Pessoa, a perguntar qual a finalidade do seu esquema do universo, e mais desejoso de admitir que, se não existe perpétua contradição no cerne das coisas, perpétua extinção do mais elevado pelo mais baixo, tal personalidade deve sentir a possibilidade de se transcender de algum modo às limitações da natureza e de suas leis." ³⁵

2) A Evidência do Após. O Testemunho da Experiência Cristã. Desde o início da Igreja Cristã, homens e mulheres seguidores de Cristo, aqueles que crêem que Êle ressuscitou e pela fé a Êle se entregaram, têm sentido a presença do Senhor Ressurreto em suas próprias vidas, têm entrado em doce e confortadora comunhão com Jesus, comunhão ainda mais rica do que aquela que teria sido possível nos dias da Sua carne. E isso é bem mais do que a consciência de ser inspirado pela recordação d'Êle, como se alguém se sentisse inspirado à lembrança dum amigo que faleceu, ou estimulado pelo exemplo de Jesus como se pode ser estimado pelo exemplo digno de um herói que se foi. É, pelo contrário, a convicção de haverem entrado numa relação íntima com Um que está realmente vivo, e que está pessoalmente ativo no tempo e no espaço. Acompanhando essa convicção e testeficando a sua validade, vem a posse em suas vidas do novo poder moral.

Já nos referimos à tremenda mudança de visão e de espírito que se operou nos discípulos ao fim da semana da primeira Páscoa, e chamamos a atenção do leitor para o seu significado. A verdade é que eles se modificaram não só mental e emocionalmente, mas também moralmente, e passaram a demonstrar qualidades de tal espécie e grau que jamais alguém julgaria possíveis. A diferença entre eles, como os vemos nos Evangelhos e depois no Livro de

³⁵ Jesus and the Gospel, págs. 122-3

Atos, é espantosa. Homens comuns tornaram-se homens extraordinários, verdadeiros super-homens. Como? Não foi aquilo de modo algum a consequência da consolidação dos seus dentes nem do cingir dos seus lombos. Não; pois passaram a viver de maneira que estava muito acima de suas capacidades. Viviam agora como pessoas possesas. E não era verdade que estavam possuídos do Cristo vivo? Aquela mudança na vida deles condizia perfeitamente com a crença deles, de estarem vivendo agora em comunhão mais estreita ainda com Cristo do que dantes.

O mesmo fenómeno também esteve em evidência em toda a Igreja Primitiva. Quando uma pessoa cria no Cristo Ressurreto, sua vida começava a revelar sinais iniludíveis de um novo elemento adicionado à sua fortaleza moral. Podia provir aquilo de outra fonte que não o Cristo Ressurreto com Quem estava crendo viver agora em íntima comunhão?

E esse fenómeno da experiência cristã não era coisa temporária, não. Daí avante têm existido em cada geração homens e mulheres que se têm convencido de que o Cristo Ressurreto está com eles, e cujas vidas testificam a presença dessa influência capaz de energizar a comunhão com Ele.

Mesmo nos dias atuais vemos por toda a parte vidas que falam da força moral obtida por essa íntima comunhão com o Cristo Ressurreto. Talvez nunca tenhamos tido tantas testemunhas como nos dias atuais. Por todo o mundo, em mais lugares e em maior número que noutras eras, encontramos homens e mulheres mais que certos de que o Cristo Ressurreto está com eles, e, com alegria e sacrifício, "dão testemunho de que, quando apelaram para o nome de Jesus Cristo para os redimir, um novo fator moral entrou na vida deles, e foram transformados." ³⁶

Então, desde o princípio, os cristãos têm tido consciência plena da presença de Jesus, invisível, mas real. E a vida deles parece sugerir a posse de poder e energias morais que estão além dos seus recursos naturais. Admite-se que se objete, dizendo-se: "Tal sentimento da presença de Jesus pode bem não passar de mero

³⁶ G. R. Beasley-Murray, Christ is Alive, p. 83

sentimento subjetivo, induzido pela crença na Ressurreição d'Ele" — e não podemos refutar essa alegação. E pode ainda alguém dizer: "Todos esses casos de transformações morais podem ser explicados como consequência psicológica da convicção de que Jesus está vivo e de que o Espírito d'Ele está a operar" — e não podemos provar que seja doutro modo. O testemunho da experiência cristã, tal como o de antes da Ressurreição de Jesus, é evidência de qualidade diferente daquela do túmulo vazio e de outras evidências já apresentadas neste livro. Mas nenhuma delas pode ser posta de lado. Podem ser, talvez, desprezadas, caso fiquem separadas. A verdade é que elas ficam de pé ao lado e ao longo de grande massa de evidência mais objetiva que indiscutivelmente aponta para o fato da Ressurreição; e assim, conquanto não sejam testemunho primário e mesmo venham a produzir diminuta impressão na mente do incrédulo, é fato que o cristão age legitimamente ao encontrar nelas a confirmação de sua crença.

Capítulo Décimo

O SENHOR NA VERDADE RESSUSCITOU

A asserção deste livro é que, em face da evidência, não é razoável duvidar que Jesus ressuscitou dentre os mortos. Temos buscado mostrar como a evidência amontoando-se com a evidência, torna certo esse glorioso fato. Resumimos, enfatizando a impossibilidade de outro qualquer esclarecimento dessa crença na Ressurreição.

O ônus real de provar o contrário nesta questão da Ressurreição não é do apologista cristão; é, sim, do céptico. O homem que acredita na Ressurreição como fato verdadeiro, por fim, é aquele que aceita está escrito nos Evangelhos. Pertence ao incrédulo, aquele que não aceita as coisas como são, o provar o contrário; e, se pretende justificar sua rejeição dessa crença, é obrigado a explicar como tal crença veio a existir. A crença aí está, e a sua existência — que data desde o princípio — é fato que favorece a sua verdade. Esta pretensão é o suficiente para marcar seu êxito, a não ser que apareça uma explicação satisfatoriamente "natural". É como disse Westcott: "Enquanto não se puder mostrar de modo satisfatório que a origem da crença apostólica na Ressurreição descansa sobre outras bases, o fato de se crer nela é prova suficiente do fato."³⁷ Mas, não existe nenhuma outra explicação satisfatória.

Reforçaremos ainda mais este ponto, se partirmos da admissão de que Jesus não ressuscitou, e então buscarmos arranjar uma explicação da existência dessa crença, da existência das histórias da Ressurreição, e da existência da Igreja Cristã, e assim por diante. Logo aparecerá a impossibilidade dessa tarefa e também suas implicações. Porque é a mais simples das proposições esta: se um ato alegado não é falso, deve ser verdadeiro.

³⁷ Gospel of the Resurrection, p. 107

Têm aparecido na verdade muitas tentativas de "outras" explicações. Mas também é verdade que nenhuma dessas teorias opostas chega a ser satisfatória, e interessante é anotar quão frequentemente tais teorias anulam umas às outras.

No breve espaço destas páginas não apresentamos todos os argumentos que podem ser aduzidos a favor da crença na Ressurreição. Esperamos, todavia, que o leitor tenha sido levado a sentir algo da força da evidência. Sim, porque ela é tremendamente forte. Diz Westcott: "Na verdade, reunindo-se toda a evidência, não é exagero dizer que não existe nenhum incidente histórico melhor ou mais abundantemente sustentado ou fundamentado do que a Ressurreição de Cristo. Nada, a não ser a antecedente asserção de que deva ser falso, poderia sugerir a ideia de deficiência na prova disso." ³⁸

Conta-se a história das novas da batalha de Waterloo, quando levadas por um navio que se avizinhava da costa sul da Inglaterra. O navio transmitia as novas por meio de sinais semafóricos, enviando-as para Londres, e então o semáforo da catedral de Winchester passou a repetir a mensagem. Letra por letra foi transmitindo W-E-L-L-I-N-G-T-O-N D-E-F-E-A-T-E-D. Então, a seguir, forte cerração apareceu e a multidão ansiosa não pôde ler mais nada. Daí, por todo o país começou a espalhar-se a notícia de que Wellington fora derrotado, de que a batalha estava perdida. Depois, mais tarde, a cerração começou a desaparecer, e o povo desanimado e desalentado viu, com alegre surpresa, que o semáforo se movimentava. Então se pôde ler a mensagem completa: W-E-L-L-I-N-G-T-O-N D-E-F-E-A-T-E-D T-H-E E-N-E-M-Y (Wellington venceu o inimigo). De tanta alegria quase que não queriam crer no que viam. Mas era a pura verdade, e logo o país todo foi sacudido por aquela alegria inenarrável, pois que a aparente derrota mudara para estrondosa vitória.

Foi de modo mais ou menos semelhante que a história da Páscoa rompeu no mundo. Na sexta-feira Santa, o árido perfil duma Cruz no alto duma colina e o frio epílogo dum túmulo selado proclamavam aos espectadores apenas isto: JESUS DEFEATED

³⁸ Op. cit., p. 134

(Jesus batido). Por todo o fim daquela semana, foi a mensagem que martelou com cruel persistência a mente e o espírito dos seguidores de Jesus. Mas, na manhã radiosa da Páscoa, o túmulo aberto e vazio e o Senhor Ressurreto completaram a mensagem - JESUS DEFEATED THE ENEMY - (Jesus bateu o inimigo). Então, a tristeza e a derrota cederam lugar ao júbilo e à vitória.

Não que a Ressurreição seja uma superação da Cruz. "A crucificação não é uma derrota a exigir que a Ressurreição a vingue ou reverta, mas uma vitória que a Ressurreição imediatamente confirmou e selou." ³⁹ A Cruz e a Ressurreição são partes integrantes da mesma história vitoriosa. Mas é a Ressurreição que estabelece a vitória e a proclama.

E a vitória da Ressurreição não foi simplesmente uma vitória limitada àquele tempo e lugar particulares. Cristo é vencedor por toda a eternidade.

Isto significa, por um lado, que a Causa de Cristo jamais pode ser finalmente batida ou derrotada. Não poucas vezes as forças do mal parecem bem mais fortes que as forças do bem, e nos vemos tentados a sacudir os ombros e dizer — "Que adianta seguir e praticar o bem?" A Ressurreição nos aclara que, muito embora as coisas possam parecer assim neste ou naquele tempo, o bem é, de fato. Mais forte do que o mal, e o amor mais forte que o ódio. e que, no final das contas, eles vencerão. Se tomamos o lado de Cristo, estamos do lado dos vencedores, pois que a ressurreição nos deu a certeza de algum modo e no tempo certo, Deus estabelecerá e consolidará o Seu Reino. Podemos alentar-nos com este pensamento, quando vemos o mundo e cantamos com Artur Hugo Clough (1819-1861):

Não digas: esta luta nada adianta,
O labor e as feridas são em vão;
Não se cansa o inimigo, nem se espanta;
E as coisas todas ficam como estão...

Não avançavam nem uma polegada

³⁹ A. M. Ramsey, op. cit., p. 19

Estas ondas que a praia vão lavar;
E, de novo, silentes, já quebradas,
Retornam para a imensidão do mar.

Não é só das janelas do Oriente
Que, ao despontar do dia, a luz nos vem;
Se, à frente, o sol se eleva lentamente,
Já no Ocidente brilha a luz também.

A Ressurreição de Cristo tem significação para o cristão não só neste sentido mais vasto, mas também no viver de sua vida pessoal. Significa que, crendo no Cristo Ressurreto, podemos, pela vida em comunhão com êle, gozar de vitória em nossas vidas.

Isto significa, por exemplo, vitória sobre o pecado e sobre a tentação. A Ressurreição de nosso Senhor não só nos oferece a oportunidade de termos perdoados os nossos pecados, mas também a de nos tornarmos mais fortes do que eles mediante nossa comunhão com Êle. Uma vez que lhe demos oportunidade, o Cristo Ressurreto pode fazer de nós novos homens e mulheres, mesmo do mais desviado e mais conspurcado, como fêz dos Seus discípulos e tem feito com milhões sobre a face da terra. Também significa vitória sobre os desastres e conturbações. A consciência da presença e companheirismo do Cristo Ressurreto pode livrar o homem de ser derrotado por desapontamento, frustrações e dificuldades de cada dia, e colocá-lo triunfantemente acima de qualquer infortúnio, grande ou pequeno, que lhe sobrevenha. Também significa vitória sobre o temor, o medo. Só o saber que está presente em sua vida o Cristo Vivo produz plena serenidade de mente, coração e espírito, muito mais poderosos que o temor.

Leslie Weatherhead conta que visitou uma irmã atacada de câncer e que estava condenada a morrer. Diz-nos: "Era uma alma sossegada e discreta, que se sentia um tanto perturbada porque, embora Cristo significasse tanto para ela, raramente falava de sua fé a outras pessoas. No seu quarto, sabendo da probabilidade de morte mui penosa, e encarando face a face o câncer, dizia: Orgulho-me de se me ter dado esta enfermidade. Ela me está proporcionando oportunidade que nunca tive dantes. Lembro-me

de que então lhe disse: Muito bem, querida, você pode não melhorar do câncer, mas você o derrotou.”⁴⁰

A pessoa de fé pode ser esbofeteada pelos temporais da vida, e isso não menos que o seu vizinho que em nada crê. Mas, em virtude de sua relação com o Cristo Ressurreto, nada há — tanto em vida como na morte — que o derrote. W. Y. Fullerton⁴¹ nos conta que certa vez subiu o Calvário simulado da vila de Domodossola, ao Norte da Itália. Na subida do monte há uma série de capelas, cada uma apresentando mediante figuras de terracota, em tamanho natural, uma das cenas da Paixão de Cristo: Jesus diante de Pilatos, Jesus carregando a cruz, e assim por diante. Atinge-se o cume com a capela que representa Jesus na cruz, e até esse ponto o caminho que leva aos altares se apresenta bem batido pelos inúmeros peregrinos; assim vão eles todos ver o Cristo sofrendo e morrendo. Dali em diante o caminho se apresenta quase coberto todo pela grama, mostrando que poucas pessoas passam por êle. Todavia, o Dr. Fullerton foi para diante, e, atingindo ponto ainda mais elevado, viu outro altar ou capela — a capela da Ressurreição — que poucos de fato se esforçavam por ver, ou visitar. Os construtores daquele Calvário mímico ou símbolo não haviam esquecido de que Jesus ressuscitara, mas a maioria dos peregrinos vinha prestar homenagem a um Cristo que morrera! Ao menos era aquilo o que mais os interessava.

E, para muitos cristãos, a Páscoa não é um dia que deva figurar no calendário de sua crença. É verdade que não duvidam da Ressurreição de Cristo. Mas a crença deles não se tornou ainda gloriosa realidade para eles, e não têm eles plena consciência de que Jesus está ressuscitado ou vivo, de que Ele é o seu constante companheiro, ainda que invisível.

A biografia do famoso ministro congregacionalista R. W. Dale, de Birmingham, conta-nos que êle estudou um ano o seu sermão para o Dia da Páscoa. Meditando no tema que escolhera — o Cristo Vivo — de repente o seu significado irrompeu-lhe na mente de

⁴⁰ It Happened in Palestine, p. 284

⁴¹ Souls of Men, p. 34

maneira mui diversa das outras vezes. Estimulado por aquela nova e inesperada revelação, pôs-se de pé e a andar de cá para lá em seu escritório, parando aqui, parando ali, para repassar de novo a nova visão interior que lhe sobreviera. Eis o comentário dele sobre este incidente: "Cristo está vivo!" — disse a mim mesmo. "Vivo!" — e daí fiz uma pausa. "Vivo!" — e fiz nova pausa. Vivo! Pode isto ser verdade? Vivendo como eu estou vivendo? Pus-me a andar de novo, repetindo: Cristo está vivo! Cristo está vivo!" A princípio, aquilo me pareceu estranho e quase inacreditável, mas por fim me sobreveio como o romper de repentina glória: sim, Cristo está vivo. Foi-me uma nova descoberta. Pensava que sempre havia crido nisso: mas não tanto, até aquele momento em que me senti mais que certo disso." ⁴²

Talvez muitos de nós têm necessidade de descobrir de novo o fato da Ressurreição de Jesus e também o da Sua presença viva. Muitas vezes estas verdades nos parecem apenas como outra doutrina que, sem dúvida, é muito verdadeira e apropriada, mas de pequena relevância para a vida de cada dia. Não duvidamos desta verdade, como não duvidamos de que a terra se move ao redor do sol, e uma crença faz diferença maior que a outra na maneira pela qual vivemos. É verdade que Cristo, de fato, está realmente vivo hoje como qualquer um de nós.

Jamais mensagem mais surpreendente soou aos ouvidos humanos do que a afirmação de que Jesus ressuscitou e está vivo. E não é menos surpreendente e alentadora hoje, em nossos dias, do que no dia em que primeiro se proclamou esta verdade. Mas, urge que vivamos nossa vida como pessoas que sabem que esta é uma gloriosa verdade. Porque assim é, e deve ser. O Senhor, na verdade, ressuscitou.

⁴² R. W. Dale of Birmingham, por A. W. Dale, p. 642

LIVROS CRISTÃOS PARA O MUNDO

(Sob patrocínio do Concílio Missionário Internacional)

é uma série de livros breves, linguagem simples, considerando doutrina, vida e prática da Fé Cristã, lendo em vista uma circulação de amplitude mundial.

O Bispo Stephen Neill, Redator Cerai da série, tem oito assistentes em diferentes áreas do mundo, que examinam os manuscritos enviados, e fazem sugestões a respeito deles para o benefício do leitor em geral. As organizações missionárias nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Inglaterra estão cooperando nesta aventura, bem como Confederações Evangélicas em diferentes partes do mundo.

A Confederação Evangélica pretende publicar quase a totalidade da série; a ordem de publicação em português não corresponde à ordem da série em inglês. Outros livros já estão traduzidos e em breve serão dados à publicidade.

É com prazer, portanto, que apresentamos os oito primeiros livros da série:

CONTRIBUIÇÃO CRISTÃ
pelo Bispo Azariah, de Dornakal, Sul da Índia

JESUS É SEU POVO
por Paul Minear

O DEUS DOS CRISTÃOS
por Stephen Neill

O CARÁTER CRISTÃO
por Stephen Neill

COMEÇANDO DE JERUSALÉM
por John Foster

LENDO A BÍBLIA HOJE
por D. T. Niles

QUEM É JESUS CRISTO?
por Stéplien Neill

RESSUSCITOU MESMO, JESUS?
por James Martin